



SEGUNDO CONCURSO DE RELATOS CORTOS

CATEGORIA B 15 y 16 AÑOS DE EDAD

EN COLOR AZUL LOS RELATOS EN LENGUA NO MATERNA

B-1 O desenho amigável

Mesmo antes de Estela nascer os seus pais decidiram fazer uma longa viagem até Changchun, uma bonita cidade da China onde os Invernos são longos, frios e ventosos mas secos.

Joana e Ruben já tinham feito o Check in e estavam agora á espera da chamada para o voo LH 307.

Após o primeiro chamamento dirigiram-se de seguida para o avião para onde iriam embarcar.

A hospedeira acompanhou-os até aos seus lugares e em seguida perguntou se pretendiam tomar algo, a sua voz era doce e tranquila, o que fazia com que Ruben, que nunca tinha embarcado num avião se relaxa-se um pouco mais.

Joana por outro lado estava bastante tranquila e relaxava ao ler a sua revista preferida e a comer uma salada de frutas.

No meio da viagem Ruben sentira-se enjoado então a sua mulher apercebera-se que estavam a voar á volta do mesmo sitio.

Quando a hospedeira voltou para perguntar se precisavam de algo, Joana perguntou:

-O meu marido está a sentir-se enjoado, o que me fez pensar que podemos estar muito provavelmente a circundar o mesmo sitio, está tudo bem?-e quando acabou de terminar esta frase ouve-se o seguinte:

-Estimados passageiros daqui fala o piloto, estamos com um pequeno problema técnico no qual estamos a entrar na reserva de gasolina, estamos á espera que outro avião venha encher o deposito do avião.

Por favor, não entrem em pânico.

Foi nesse momento que tudo começou a correr mal e o avião acabou por se despenhar numa cidade chamada Siping.

Joana e Ruben não conseguiram sobreviver, mas a filha, Estela (por sorte) sobreviveu e acabou por ficar na casa de uma hospedeira.

Uns anos depois, quando Estela já tinha feito 12 anos, teve uma grande festa, com muitos bolos dos que ela adorava, muitos balões, um grande insuflável para os amigos dela e ela brincarem, mas dos seus amigos que ela tinha convidado ninguém apareceu, apenas a sua família (os avós, os tios, a sua mãe adotiva e o seu pai adotivo).

Na escola a Estela sofria de bullying e sofria bastante psicologicamente, mas nunca dizia nada aos pais para eles não se preocuparem e ela não sofrer mais, ela pensava que se dissesse aos pais, depois os indivíduos que praticavam esta ação, depois lhe iriam fazer mais mal.

O que a Estela não sabia é que ao não dizer nem aos pais nem aos professores, nem a ninguém ainda se estava a prejudicar mais e á medida q o tempo foi passando tudo foi piorando, mais agressões psicológicas, até passar para as agressões físicas.

Até que houve um dia em que ela foi vista pelo seu pai adotivo a ser agredida fisicamente por um dos agressores.

O pai foi logo afastar o rapaz que a estava a agredir e acabou por lhe dar um “sermão “de uma hora, dizendo que se isto se voltasse a repetir que iria falar com os seus pais.

Estela, não via a hora de chegar a casa e de ir tomar um banho (tentando relaxar).

Chegando ao carro, pai e filha conversaram sobre o que se tinha passado e o pai perguntara-lhe á quanto tempo é q aquilo durava e o porquê de ela não ter lhes ter dito nada.

O pai adotivo fumava impientemente um charuto atras de outro á espera da resposta da filha. Ela nem sabia o que dizer, mas depois de alguns minutos de silêncio decidiu contar ao pai e em seguida (quando chegaram a casa) contaram também á mãe.

Quando a mãe soube da historia não hesitou em ligar á diretora de turma para ela controlar a situação.

Depois disto, Estela correu para o seu baloiço no jardim com o seu bloco de desenhos e representou naquela delicada folha o que sentia naquele momento.

Ela fazia-o todas as noites quando se ia deitar e naquela noite fria sentia-se muito triste e deprimida então, desenhou até estar exausta, ao todo, em 2 horas desenhou 8 espantosos desenhos em aguarela.

Estela adorava arte e tudo o que se ligava á mesma. Depois dos desenhos concluídos decidiu que iria tomar um banho e dormir.

No dia seguinte o pai levantou-se cedo para a ir levar a filha á escola e para poder falar um pouco com a diretora de turma acerca da sua filha.

Assim que o pai se foi embora, Estela decidiu ir trocar os livros ao cacifo para a sua aula e assim que tirou os livros um grupo de rapazes mandaram-lhe os livros todos para o chão incluindo o seu bloco de desenhos em que tinha trabalhado no dia anterior e que tinha ficado aberto num desenho espetacular desenhado por ela.

Ao ver isto três raparigas e dois rapazes foram logo ajudar a rapariga com os livros reparando no seu desenho e dizendo-lhe que o seu desenho estava fantástico e que gostavam de ver o resto dos seus desenhos.

Estela não conseguira dizer que não e ao saber a tão fantástica que era ela ao desenhar sugeriram-lhe que fosse para um grupo de desenho da escola e ao fazer isto Estela tinha acabado de fazer os seus primeiros 5 amigos, o que a fez muito feliz.

Todas as sextas feiras depois das aulas ia desenhar para o grupo de desenho da sua escola e nos fins de semana os seus amigos perguntavam-lhe se ela queria ir passear com ela ou ir a casa dela, haviam sempre planos para a sua semana, e quanto ao bullying?

Depois de falar com os seus pais e do seu pai ralhar com o grupo que praticava bullying o estes nunca mais tiveram coragem de fazer mal a Estela, o que fez os seus pais muito felizes e a ela também. Depois de alguns anos na escola, Estela decidiu viver o seu sonho de se artista e fazer muitos quadros para o resto da sua vida e claro sempre repleta de amigos.

- O desenho amigável
- 961 palavras
- Jéssica Ladeiras 15 anos
- Avenida José Saramago Lote 7050 2º Frente Montemor-o-Novo
- Jessica.s.ladeiras@gmail.com
- Agrupamento de escolas de Montemor-o-Novo, Escola Secundária de Montemor-o-Novo

B-2 MARISA LENGUA NO MATERNA

A minha mãe é uma pessoa muito diferente aõ resto. Não teve uma vida facil, porque naqueles tempos tudo era diferente. Eu sempre estou interesada pelo seu pasado, ela sempre me conta historias que lhe aconteceram. Mas naquela tarde, a minha mãe dexou-me muito surpreendida. Ela contou-me uma historia que eu nunca pensei ouvir...

Eu tinha só 13 anos quando viví os melhores anos da minha vida, e aõ mesmo tempo os peores. Estudei numa escola na que eu nunca estive a gosto, porque os meus colegas não me faziam muito caso. Eu parecia ser invisível para eles. A única pessoa para quem eu não era assim era a pessoa da que me apaixone. Era uma pessoa diferente porque sempre estava para mim, sempre me ajudava. A pessoa daque estou a falar chamava-se Marisa. Não esperavas isto? Já sei.

Eu conhecí a Marisa no meu primer ano da escola. Éramos as melhores amigas e sempre iamos juntas. Nunca pensei apaixonar-me dela. Sempre me contava o que lhe passava e tínhamos muita confiança.

Naqueles tempos não estava bem visto apaixonarse duma pessoa do teu mesmo sexo, mas eu sempre pensei que ninguem pode escolher de quem se apaixona. O amor é um sentimento especial, não toda a gente sabe o que é, sobre tudo aquelas pessoas que dizem que sendo uma menina não podes apaixonar-te de uma menina, e que sendo um menino não podes apaixonar-te de um menino. Eu sentía uma coisa especial por a Marisa e ningem me entendía.

Um dia, a Marisa e eu estavamos a sair da escola e pensei em falar com ela e contar-lhe tudo, mas... não era facil para mim. Decidi muito rapido para acabar o antes possível. Quando contei o que sentia por ela, fiquei muito admirada ao ver a sua reação e ouvir a sua resposta. A Marisa sentia por mim as mesmas coisas que eu sentia por ela, estava apaixonada de mim. Nenhúma de nós esperávamos ouvir ísso da outra, mas foi assim. Para nós aquilo era algo muito raro por uma parte, mas por outra era o mais normal do mundo ja que poderia acontecer a outras pessoas.

A Marisa e eu tínhamos 15 anos. Tinham pasado dois anos ja e nós estavamos apaixonadas a uma da outra, mas as pessoas não entendiam ísso, a minha mãe não queria que asím fosse... Alem disso, os colegas da escola não dizíam nada bom de nós. Tudo parecia ser do contra.

A Marisa e eu tivemos de ouvir muitas críticas, insultos, desprezos... Mas a nossa companhia, a uma da outra, podia com tudo isso.

Depois de esta frase a minha mãe ficou calada dois minutos e com um cara da preocupação. Eu queria ouvir o fim da história e lhe pedi que o contara, mas ela diz-me que não gostava muito deste...

‘A história não acaba muito bem. A Marisa e eu saíamos da escola uma tarde e um grupo de meninos acercaram-se a nós e sim mais bateram-nós ás dois...

No dia de hoje eu sigo a pensar que as pessoas não tem piedade pelos outros e que as pessoas diferentes a eles não são respeitadas.

Aquela história e só a mia, mas estou segura de que muitas pessoas sofrem as mesmas coisas. Para ser pessoas boas só ha que ter respeito pelos outros que rodea-nós. Nunca o esqueças, Marisa.’

Nombre del relato: “Marisa”

Número de palabras: 558.

Nombre del participante: Elena Hidalgo Jorge.

Edad: 16 años.

Dirección: Avda Villanueva, n.º 2, izquierda.

Código Postal: 06100.

E-mail: Elenahidalgojorge@gmail.com

Nombre del centro educativo: Escuelas Parroquiales del Sagrado Corazón de Jesús.

B-3 17As ferias de Verão.

LENGUA NO MATERNA

Era uma vez uma familia que moraba numa cidade muito simple, eles morabam em Madrid, alí só havia carros é mais carros, eles ficavam agobiados pelos carros e os ruidos, por isso eles decidiram de viajar pelas ferias de verão para o Caribe.

Um dia a Maria, que era a mãe, foi à escola dos seus filios para dar uma surpresa a Ana, que era a filha, ela foi para dizer a sua filha que vão fazer uma viagem ao Caribe, e que vão viajar pelas ferias de verão. Quando a Ana enterou-se das ferias que ela ia ter, não creía o que estava a pasar.

A Maria, voltou para casa, o pai, Filipe, que era portugués, estava ali comprando os passagens para viajar para o Caribe. Ele comprou 4 passagens para o Caribe, e ainda faltam dois semanas pelas ferias de verão, eles já estam preparados para viajar ao Caribe e muito emocionados disso.

O Luis, o filho mais grande, estava na casa da sua namorada quando os seus país tomaran a decisão de viajar ao Caribe, alem disso, ele não ficou em casa pela noite porque ficou com a sua namorada, então, ele não sabia nada do viagem. Os seus país decidiram nOs seus país decidiram não dizer nada ao Luis para dar-lhe uma surpresa, mas eles não sabiam uma coisa, ele tambem tinha uma surpresa para eles e para a sua irmã.

Já faltam 3 dias para o viagem e o Luis foi dizer a surpresa que tinha para a sua familia, ele disse o que é o que pasou com a sua namorada, ele vai ter um filho. Os sus país e a sua irmã ficaram calados, e depois, eles disseram que tinham comprados uns passagens para o Caribe, então é quando o Luis alucinou com isso, ele não creía que foram a viajar ao Caribe, ele achava que era uma broma mas não era o que ele achava.

Chegou o dia do viagem pelo Caribe, eles ficavam muito nervosos porque vão viajar em avião e eles não gostavam muito disso. Quando chegaram ao Caribe, o primero que eles fizeram foi ir pela praia para nadar, depois eles foram pelo hotel e jantaram comida típica do Caribe, más eles todavía não podiam creer que estavam no Caribe, era algo imaginário para eles. Só faltam 2 dias pela volta para Madrid e eles foram pela praia para nadar quando um tiburão atacou ao Luis, arrancou o braço dereito só de uma

mordida, mas o Luis conseguiu sair da praia e foram todos rapidamente para o hospital.

Aos 5 dias, o Luis já ficou melhor, mas achou que ia morrer nesse mesmo dia. A sorte estivera da sua parte.

Ao dia a seguir, voltaram para Madrid e a namorada de Luis recebeu no aeroporto para ver rapidamente ao seu namorado. Esta estivera durante muitos dias em casa com ele lembrando o que passou, mas o Luis já o assumiu, ele sempre diz que os problemas melhor assumi- los que lembra-los.

FIN.

Título. As férias de verão

N.º de palavras. 507.

Nombre. Hugo Diz Lázaro.

Edad. 16

Dirección. Calle José Soto 17

E- mail. hugodiz@hotmail.com

Nombre del centro educativo. Escuelas parroquiales sagrado corazón.

B-4 SONHO REALIZADO LENGUA NO MATERNA

Desde há dois anos que o Francisco estuda em Madri ,na Universidade Complutense.Lá estuda Jornalismo junto com a sua melhor amiga, a Joana .Desde que se foram os dois de Lisboa para Madri estão sempre juntos e nunca se largam.Moram juntos no mesmo apartamento para poupar dinheiro e devido a isto a amizade entre os dois anda a mudar para melhor.

O francisco esta apaixonado pela Joana desde o momento que a conheceu mas não tem o valor para le dizer tudo o que pensa dela.Por isso um dia ele decide reservar uma mesa num restaurante muito famoso de Madrid para contar tudo a Joana.A Joana não entendia nada do que estava a acontecer mas ela aceitou o convite para jantar.Foram os dois muito elegantes para o restaurante , ele tinha vestido uma camisa , umas calças *skinny* de ganga e umas botas castanhas e ela tinha um vestido encarnado com uns saltos pretos.

Quando chegaram o restaurante pediram para jantar o prato estrela do restaurante .Enquanto esperavam , ele estava pronto para contar-lhe tudo o que sentia por ela.

-Francisco: Joana tenho uma coisa que contarte –disse nervoso

-Joana: estas me assustando , conta o que queres e deixa-te lá de segredos.

-Francisco: Am.....eu queria dizer-te que.....

-Joana: Conta já , va lá!

-Francisco: Queria preguntarte se queres vir comigo a viajar pelo mundo e fazer entrevistas, conhecer pessoas e asim poderíamos fazer o nosso propio canal de youtube. – respondeu rapidamente.

-Joana: Claro que sim! Claro que quero! Sabes perfeitamente que eu levo desejando isso desde que era pequenina , e tu também!Levanta-te , e dá cá um abraço!-disse rindo.

Os dois estavam levantados olhar um para o outro , e de repente o Francisco agarrou dela e puxou-a para o pé dele .Ela tinha o cabelo a tapar a sua cara , o francisco afastou o cabelo devagarinho e colocou a mão dele na bochecha dela ,que estava a ficar vermelha.E de repente ele aproximou os seus labios os dela e beijou-a com tanto amor que até parecia que havia uma luz ,a roda deles.

Foi assim como o namoro começou.

Começaram fazer videos diarios no seu site do youtube, cada dia tinham mais seguidores e fãs.O principio só faziam videos de entrevistas em Madri até que um canal de televisão aposto por eles e ajudaram-lhes a pagar os gastos das viajens . Graças a isto foram capazes de fazer a sua primera viagem para fazer entrevistas , e o país escolhido foi Egito.

Lá estiveram uma semana os dois sozinhos junto com as suas camaras de filmar.Estiveram no vale dos reis a filmar tudo , a filmar o namoro , a filmar aquele país tão famoso pelos seus tesouros mas tão desconhecido.Com esta viagem conseguiram um posto de trabalho no canal de televisão que les deu o dinheiro para viajar.E assim foi como conseguiram realizar o seu malhor sonho , o de trabalhar juntos a fazer o que mais gostavam .Começaram a viajar a roda do mundo , a gravar tudo o que viam com a sua camara e o telefone , depois subiam os videos editados o youtube , e pasavam também o video o canal de televisão.

Eles foram a China , Japão,Moçambique,Angola,Australia,Reino Unido,França,...e em todos os sitios aprenderam coisas mas só num sofreram e foi em Kenia.Estiveram em Kenia dois meses, e lá conheceram a uma familia que tinham a uma pequena menina doente com uma doença muito estranha , a menina chamava-se Zuzi. O principio ela brincava com o Francisco e a Joana mas com o tempo perdeu as forças que tinha e faleceu.O francisco e a Joana nunca se esqueceram dela.

O francisco já tem 86 anos e a sua mulher faleceu a cinco por causa de cancro de mama.Ele vive agora numa ilha das Caraibas junto com a sua filha Zuzi e os seus queridos netos.A sua filha abriu um hotel na ilha a cinco anos, e actualmente tem 4 estrelas.O nome do hotel é JOANA.O hotel está quase sempre cheio , e sempre vem pessoas a visitar o Francisco , para agradecerle tudo o que fez para trocar a sociedade de racismo para otra mais unida e forte.O Francisco antes de falecer a sua mulher, criou com ela a Sociedade de Ajuda Internacional para todas as pessoas que precisarem de ajuda em cualquier momento para instalarse em cualquier pais sem nenhum problema.

O francisco morreu com 87 anos por causa de um paro cardiaco e foi enterrado junto a sua esposa .

SONHO REALIZADO PALAVRAS 755

Guilherme Miguel Botico Rodrigues

06100

C/Antonio Machado n.º 6 A

guilhermeboticorodrigues@gmail.com

Escuelas parroquiales del Sagrado Corazón.

B-5 Ó RELÓGIO DA SOLIDÃO

LENGUA NO MATERNA

Era uma vez um menino que tinha dez anos e chamaba-se Rui, ele era uma pessoa muito tímida é vivía numa cidade perto da praia, tódos os días ía lá a passear sozinho pela noite, não se importava se estava a chover, a nevar ou se havia trovoada, sempre o fazia ás nove da noite.

A partir desse momento ele ficava só com o seu pensamento, em tanto dava-lhe a brisa marinha na cara, e ouvía o som do mar. Pensava no seu día a día, no porque da sua solidão, porque os que antes eram os seus amigos agora não queriam saber nada dele.

Quando ele era uma criança tinha tantos amigos que quase todos os fins de semana tinha uma festa de aniversário e agora... Que se passou com eles? Onde estava o seu amigo António e o seu amigo Guilherme?. Tódas ás noites o Rui pensava nessas perguntas .. que seguíam sem resposta.

Passavam os días é seguía sozinho na escola, ele estava em sexto de primaria é os 15 minutos que durava o intervalo ia a passá-los para a biblioteca, nas aulas não falava com ninguém e a saída da escola tódos olhavam-lhe muito raro e falavam dele.

Assim pasaram os días, ninguém falava com él, até que uma segunda-feira já não podía mais é depois da escola, quando chegou a sua casa chamou a sua mãe, de nome Rita, e sentou-se para falar com ela:

-Rui: Mãe!!! anda acá faz favor.

-Rita:Diz-me filho.

-Rui:Quero falar com vocÊ.

-Rita: Vá, do que é que queres falar?

-Rui: Pois mãe eu queria saber porque os meus companheiros da turma não querem falar comigo e sempre estão a olhar para mim com umas caras muito estranhas.

-Rita: O meu filho querido agora não tenho tempo para falar disso a verdade é que é uma história muito longa. Outro dia quando o teu pai esteja em casa poderemos falar mais tranquilos.

-Rui: Tá bem mãe, mas quando? Eu o quero saber já, não posso aguantar mais tempo assim.

-Rita: OH RUI, mesmo agora o teu pai telefonou-me e diz que na próxima sexta-feira vem para acá, então ná sexta-feira falamos.

É a conversa acabou-se, o Rui esteve ós quatro días da semana a pensar na mesma coisa, cada día passava como uma semana entera, é a o fim, chegou o día mais esperado para o Rui.

Já passadas ás sete e meia, quando o Rui estava deitado na cama, ouviu o som da porta, era o Martín, o seu pai. Já tinha chegado. O Rui correu escadas abaixo.

-Martín: Boa tarde, já cheguei.

-Rui: Olá pai, estou muito contente de que estes aqui, tinha muitas saudades de tí.

-Martín: O meu filho querido, quero-te imenso.

-Rita: Martín, Que tal a tua segunda semana de caminhoneiro no Brasil?

-Martín: Á verdade é que estou bastante cansado, depois de estar tanto tempo a viver num camião y comduzir tódos os días tanto, mais gosto muito do meu trabalho.

-Rita: Estou muito feliz por ti.

-Rui: Pai, eu queria falar com vocês, o outro dia o diz a mãe, mas ela disse-me que tinha que esperar por ti para falar os três.

-Martín: Tá bém , y, de que queres falar?

-Rui: Pois pai, que na escola os companheiros da turma não falam comigo, e por ainda por cima disso falam de mim e sempre estão a pôr caras estranhas para mi.

-Rita: Eu não quis dizer nada até que tú não estiveses aquí, porque é uma coisa que temos de dezer os dois.

-Rui: Vá, o quero saber já.

-Martín: Sim, vamos começar, Rui quando eras mais pequenino, com uns quatro o cinco anos, a tua mãe e eu vímos que tinhas algo em tí muito especial.

-Rui: Mais pai,isso não é o que eu estou a perguntar-te.

Rita: Cala-te Rui, está tranquilo e escuta a o teu pai.

-Martín: Bom a seguir ,nós quisemos perguntar a um doctor, é depois dumas provas ele nós confirmou que eras superdotado.

-Rita: Foi então quando te passarão mais um curso, é por ésta razão estás no sexto curso, e não no quinto como debes.

-Martin: Desde que você passou, os teus colegas Guilherme e António, como erão tão pequeninos, não entederam isso.

Todos ós días vocês batiasem nos intervalos e tu como eras muito mau insultavas-os sem parar porque eles estavam num curso pôr debaixo do teu.

-Rui: não me lembro de nada disso...

-Rita: Pois sim, assim foi.

-Rui: É porque eu não o sabía antes?. Pois eu quero falar com eles, não quero seguir assim, voltamos para a vila e perguntaré por eles, até que os encontre e possa falar-lhes. A verdade é que tenho saudades de eles. A manha podes levar-me pai?

-Martin: Tá bem ,a manha da manha vamos ir ós três.

-Rita: Não faz falta que procurem aos meninos, eu ainda falo com as suas mães e sei onde moram.

-Rui: oh mãe, muito obrigado é também ati pai, por contarme a história. Não entendía nada.

O sábado pela manha foram embora... quando chegaram a vila na entrada a um parque, onde a mãe reconheceu a os meninos, lá estavam.

Pararam o carro e foram ao parque.

Rui: Olá sou o Rui, lembram-se de mi?

Guilherme: voltaste para a vila, ou é só uma visita?

Rui: Só vim para acá para falar com vocês, sobre o mau que eu fui quando era pequenino, em verdade não tem maior importância, mas eu nunca deví de portar-me assim, também porque tinha saudades voças, todo o mundo na minha escola não me fala. Só queria saber se me perdoaram pôru.

Ántonio: Pois claro, só foram parvoises, podés contar connosco para sempre.

Rui: Muito obrigado os meus amigos.

E assim o Rui voltou para a cidade, e alguns fins de semana, ele voltaba para a vila com os seus colegas. Ele percebeu assim que não se deve de rir dos outros.

FIM.

B-5 TÍTULO: *“Ó RELÓGIO DA SOLIDÃO”*

N.º DE PALABRAS: 993

NOMBRE: Nuria Marín Méndez

EDAD: 16 años

DIRECCIÓN: C/Antonio Machado Nº6 Letra B

CÓDIGO POSTAL: 06100

E-MAIL: marinmendeznuria5@gmail.com

NOMBRE DEL CENTRO EDUCATIVO: Escuelas Parroquiales del
Sagrado Corazón

DIRECCIÓN DEL CENTRO EDUCATIVO: C/Fuerte N.º 8

B-6 QUERIDO DIARIO ... LENGUA NO MATERNA

Não escrevia neste diário desde os dez anos... então vou te contar uma pequena história que mudou a minha vida...

Quando eu tinha uns catorze ou quinze anos, chegaram a minha aula dois gémeos africanos. A menina chamava-se Camila e o menino Diego. Eram muito bonitos mas também diferentes a nós, ou isso pensavam algumas pessoas. O Diego tinha a pele escura, os olhos azul celeste e o seu cabelo preto que nem carvão. A Camila tinha a pele e o cabelo igual que o Diego, mas ela tinha os olhos verde-água. Ninguém queria falar com eles só por ter a pele do outra cor. Eu também não falei com eles mas por a mesma razão.

Um dia, ia com as minhas amigas à saída da minha escola e vi que o Diego ia-se também, então, uns meninos do equipe de futebol da escola passaram pelo lado dele, empurraram-lhe e ele caiu no chão. Toda a gente riram-se dele mas eu lhe ajudei a levantar-se e fui a pegar a mochila dele do chão e nossas mãos tocaram-se. Eu senti umas cócegas no estômago mas não lhe dei importância. Ele agradeceu-me a ajuda e seguiu o seu caminho. As minhas amigas disseram-me que não falara com “o menino novo”, mas eu fui-me sem lhes fazer caso. Essa noite não dormi nada, só pensava no Diego e o que aconteceu na saída.

Ao dia seguinte, a Camila não foi à escola, então decidi perguntar-lhe ao Diego e, assim, começar a falar com ele mas quando ia à escrivaninha dele, a minha amiga Bea puxou do meu braço e tive que me sentar com ela mas no recreio falaria com ele.

Quando sono a campainha, eu disse-lhes a minhas amigas que ia à casa de banho mas a verdade era que ia procurar ao Diego. Encontrei-lhe sentado debaixo duma árvore sozinho e sentei-me ali também. Que vergonha! Naquele momento não soube que dizer. Lhe-perguntei pela Camila mas não me contestou, nem sequer me mirou!. Foi muito incómodo. Ao final volvi com as minhas amigas e decidi tentar falar com ele outro dia.

Passaram dois semanas e a Camila ainda não tinha vindo a escola, então eu intentava ter uma conversa com o Diego, mas nunca me respondia. Começou a pensar que era mudo porque nunca tinha visto-o falar com

alguém, nem sequer com um professor. Nesse mesmo dia, a professora do português fez pares para fazer um trabalho sobre a tradição duma cidade de Portugal. A que não sabes com quem tive que fazer o trabalho? Sim querido diário, com o Diego!. Eu quis dizer-lhe a professora que trocara a minha par mas decidi dar-lhe uma oportunidade. Quando a aula terminou, o Diego vem a minha escrivaninha e dei-me um papel com uma direção e debaixo pôs: “Às cinco horas vens a minha casa para fazer o trabalho”.

Faltavam cinco minutos para às cinco mas eu toquei a campainha e abri-me uma senhora duns oitenta anos aproximadamente com a pele igual que os gémeos, os olhos azuis, como o Diego e o cabelo um pouco mais claro que ele. Quando me viu, sorriu, abraçou-me e convidou-me entrar a aquela casa. A senhora chamava-se Margarita e era a avô do Diego e da Camila. Foi muito simpática comigo mas ela já sabia que eu ia ir a casa dela a fazer um trabalho com o Diego. Ela contou-me que aos pais dos gémeos trabalhavam em África e a Camila tinha ido de visitar-lhes mas o Diego quis ir no outro momento. Depois duma longa conversa, apareceu o Diego que ficou vermelho quando me viu ali com a avô dele porque ainda levava o pijama posto. Estava adorável. Quando já se cambiou de roupa, fomos ao quarto dele e ali fazimos o trabalho. Naquele momento não sabia por que ficava nervosa com a presença dele. Às nove da noite, decidi ir-me a minha casa porque era tarde e o meu pai podia censurar-me. Fui a dar-lhe um abraço ao Diego e, de repente, beijou-me. Nesse instante volvi a sentir aquelas cócegas da primeira vez que cruzamos as miradas. Foi o dia mais feliz da minha vida!

Depois disso, começamos a falar mais e mais até que ele confesou-me que estava enamorado de mim desde o dia que lhe ajudei quando lhe empurraram na saída mas tinha muita vergonha e por isso nunca me contestava quando lhe falava. Eu também lhe confessei que me dei conta de que estava enamorada do quando me beijou. Desde esse dia fomos namorados. As minhas amigas não quiseram sair mais comigo só por ser a namorada dum africano, que tinha isso de ruim? Eu disse-lhes que se não me apoiavam, não volveríamos a ser amigas. Então comecei a juntar-me mais com o Diego e a Camila e mais pessoas que foram muito importantes na minha vida.

Assim conheci ao menino dos meus sonhos. Agora tenho trinta anos e levo casada com o Diego cinco anos. Temos um filho, o Pablo, que tem três anos e vivemos na antiga casa dos pais do Diego, em África. A Camila está grávida de cinco meses e será uma menina que se chamará também a Camila. Os pais dos gémeos vêm a visitar-nos os fins de semana. Os meus pais, ao principio, não gostaram nada do meu casamento mas agora adoram ao Diego e vêm visitar-nos em festas e alguns fins de semana.

E isto é tudo... **nunca julgue à gente só por ter a pele da outra cor, podem ser pessoas muito importantes para a tua vida.**

Até outro momento diário.

A Paula.

TÍTULO: “Querido diário...”

NÚMERO DA PALAVRAS: 931.

NOME: Alba Murillo González.

IDADE: 15 anos.

POSTAL: rua Colombia, n.º 36, Olivenza (Badajoz) 06100

EMAIL: albamurillogonzalez18@gmail.com

ESCOLA: Escuelas Parroquiales Sagrado Corazón

B-7 VOLTAS DA VIDA

LENGUA NO MATERNA

Uma vez um menino chamado Petro que vinha de uma familia rica, ficou sem pais porque tiveram um acidente de carro.

O Petro foi levado a um orfanato, ele olhava por cima do hombro os outros meninos que estavam ali, já que ele sempre tinha estado como pessoas de um alto nivel e ele disse se tinha dado conta.

João um menino, um ano mais pequeno que ele aprouximou-se o Petro e preguntou-lhe como chamava-se, o menino não fiz caso e giro a cara.

Todos os dias João intentava falar com ele mas não fazia-lhe caso. Os outros meninos metiam-se com o Petro pero este tinha sempre posto cara de não fazer caso.

Uma tarde ia João para a casa de banho e encontrou-se com o Petro chorando.

Este não sabia se disser-lhe alguma coisa porque sempre o Petro não fazia caso dele, mas desidiu que sim, aprouximou-se a ele y preguntou-lhe:

-O que é que tens Petro?

-Nada João.

-Bom (la-se sem dizer nada)

-Não, por favor, fica, desculpa, eu fui mal-educado contigo todo o tempo.

-não faz mal, contame, é importante falarmos dos problemas de cada um.

-Antes da morte dos meus pais eu tinha uma vida espantosa, mas depois separaram-me da minha irmã que eu adorava inmeso ,mas agora não sei onde é que está, e por causa disso não quero ter carinho das pessoas e ademáis eu não sou deste mundo tão horroso.

-Nós somos pessoas como tu, não tivemos sorte de nascer em uma familia rica mas nesta vida o dinheiro não serve para nada, todos somos iguales Petro.

Tu pudeste ter tudo mas assim è a vida e há que olhar o lado positivo das coisas tu decide, podes ficar lá o vir comigo, eu ficarei aqui, porque gostaria imenso de que venhas comigo.

-Bom, mas só com uma condição, quero apresentar-me os teus colegas.

-Ótimo, esta bem, vamos.

Á manhã seguinte iam a tomar o pequeno almoço e Petro perguntou se podia falar para todos:

-É importante sermos amigos e por isso eu quero pedir-lhes desculpas a todos por minha atitude mas mais ainda ao João.

-Marisa (uma das meninas): Não há problema Petro o mais importante é que entendes-te o teu erro, a partir de agora formaras parte desta grande família.

-João: Ele tem uma irmã que não sabe onde é que está, nós feramos cartazes e a cada pessoa desta cidade darmos um.

-Meninos: SIM!!! ESTÁ BEM!!

O Petro tinha dezesseis anos e ele aos dezoito receberá um dinheiro muito grande igual que a sua irmã e poderia com isso ter noticias dela, mas teria que esperar.

Depois de dois anos o Petro tinha aprendido a quer sim simportar o dinheiro só o adentro das pessoas.

Quando chegou o dia do seu aniversario, o Petro fez uma festa de aniversario e de despedida já que ia-se.

Doou a metade do dinheiro recibido dos dezoito anos ao orfanato.

(Festa de aniversario):

-Ola, sou Petro como já me conhecem todos, eu quero dizer umas palavras:

Vocês sim ter nada fizeram-me sentir o menino mais feliz do mundo com o carinho e paciencia de vocês.

Eu era um rapazm muito parvo, que não soupe o verdadeiro sentido da vida até que não perdi as pessoas que mais queria e cheguei aquí, eu via como estavam sempre com uma sonrisa e adorava isso porque a felicidades esta em um mesmo.

Que ajudar aos demais é o mais lindo que há na vida e isoo demostrou-me o João que sempre esteve aí.

Eu me vou ir a viver a Lisboa no caso de precisarem de ajuda para qualquer coisa, podem contar comigo, sempre estarei pendente de vocês.

Eu tinha pensado que todos por esta data ano, tras ano nos voltemos a juntar aquí e faremos uma festa espantosa.

Eu gostaria de estar sempre ao lado de vocês pero isso não poderia ser, pero eu os vou levar em meu coração.

Nombre del relato: VOLTAS DA VIDA

Carmen Romero Jaramillo

653 palabras

dirección: C/Nueva número 27 2ºC código postal: 06106

E-mail: carmrj2001@gmail.com

Nombre del centro educativo: Escuelas Parroquiales Sagrado Corazón de Jesus

B- 8 ¡CHEGA DE MAUS TRATOS!

LENGUA NO MATERNA

A Marta é uma rapariga que nasceu em Lisboa. Ela tem umas amigas que conheceu na escola há muito tempo, mas elas eram de outros países. No dia dez de setembro ela fez uma viagem às Ilhas Açores com a sua família e ali apaixonou-se de um jovem que também estava ali de férias e morava em Lisboa. Eles trocaram os seus números de telefone e com o passar do tempo começaram uma relação na sua cidade. Ele chama-se João e parecia estar muito apaixonado dela. Um dia, Marta decidiu apresentá-lo aos seus pais; a sua mãe não gostava dele, via algo estranho e comentou a sua filha que tivesse cuidado e que não confiasse muito. O tempo passava e cada dia a Marta estava mais apaixonada. A sua mãe tinha um mal pressentimento e tentou convencer a sua filha para que se separasse de ele porque sentia que Marta cada vez estava mais longe da sua família e das suas amigas, não estudava e só queria estar com o João. Todo o mundo dizia-lhe que o seu namorado não era adequado para ela.

Marta não queria contar nada do que na verdade passava com ele. João fazia o que queria com ela, tratava-a muito mal e pegava-lhe quando se chateava o quando se sentia mal devido aos seus problemas. Marta sofria muito mas não queria contar a ninguém; a sua família notava-a estranha as vezes, mas ela sempre dizia que não passava-lhe nada. Um dia quando o João chegou a casa disse-lhe que estava muito zangado e deu-lhe um murro muito forte no olho. Quando chegou a casa da sua mãe, viu que tinha uma marca e ficou muito zangada. Marta não sabia o que fazer, estava muito nervosa e angustiada. Por um lado sentia que devia contar tudo, mas por outro lado pensava que era um erro. Os pais estavam muito preocupados, falaram com ela e disseram-lhe que como não deixasse o namorado iriam ter problemas graves. Marta passava os dias a chorar na sua casa, mas ela pensava que não queria meter ao seu namorado em problemas. Sentia-se sozinha no mundo, já não tinha amigas, somente a sua família.

Finalmente decidiu falar sobre o tema com a mãe porque deu-se conta de que ele fazia muito mal na sua vida; o João era um machista, maltratava-a física e psicologicamente, conseguiu que ela não tivesse mais nenhum amigo. Sua mãe ficou surpreendida, não sabia como agir, o único que fez foi dar-lhe um abraço e chorar muito. No dia seguinte os seus pais

tomaram a decisão de ir a polícia com ela e denunciar ao João; este ficou detido por maltrato a uma mulher e por ameaçá-la para que não contasse nada. Por fim fez-se justiça.

Com esta história, eu quero transmitir a todas as mulheres que não tenham medo, não se escondam e denunciem os maus tratos; que todas as pessoas que sejam maltratadas por favor tenham força para contar e denunciar.

Título: ¡Chega de maus tratos!

N.º de palabras: 500

Nombre: María Rodríguez Benito

Edad: 15 anos

Dirección: C/ La Higuera N.º 13

Código Postal: 06100

E-mail: marobe2@hotmail.es

Nombre del centro educativo: Escuelas Parroquiales del Sagrado Corazón.

Dirección del centro educativo: C/ Fuerte N.º 8

B-9 POR UM MERO GESTO LINGUA NA MATERNA

Há mais ou menos dois anos, aconteceu- me algo incrível.

Eu estava de excursão em Évora quando vi aquela senhora de olhos pretos e cabelo cinzento que ía caminhando sozinha pela rua principal. A senhora tinha mais ou menos sessenta e oito anos e parecia cansada. Ía com alguns sacos nos braços e eu senti- me muito mal de vê-la assim. Eu senti o desejo de ajuda- la, então fui para onde meu professor e pedi- lhe permissão para ir com a senhora. Quando o meu professor disse- me que eu poderia ir com a senhora, eu corri para ela e disse- lhe:

- Desculpe senhora, Precisa de ajuda? Eu gostaria de ajuda-la. Sou a María e sou espanhola.

A senhora agradeceu- me e eu apanhei os sacos.

Ao longo do caminho a senhora disse- me o seu nome e contou- me muitas coisas muito interessantes.

- Chamo- me Joana. Tenho dois netos mais ou menos da tua idade que gostam muito dos libros. Você também gosta dos libros?
- Sim. Sobre tudo gosto de libros de de ficção científica.

Eu contei- lhe que morava em Olivença e que pertenceu antigamente a Portugal. Também lhe contei que aqui em Olivença, as pessoas maiores ainda falam um bocadinho de português.

Ela ficou muito surpresa e eu segui contando- lhe coisas só a mina vila.

Quando chega- mos á casa dela, convidou- me a pasar e a tomar um chá. Eu aceitei e estivemos falando um bocado das nossas vidas, nossa família e nossa vila.

Passei um tempo muito agradável com a Joana e aprendi muito só Portugal, os seus origens e a sua história.

Ás seis da tarde o meu professor telefonou-me e eu tive que voltar com os meus colegas para voltar á Olivença.

Disse- lhe adeus á Joana com um abraço e dei- lhe o meu número de telefone.

- Volta en brevej Não te esqueças de mim.- Disse- me a Joana.

Desde esse momento telefonamo- nos todos os meses e há um mês volte a Évora e fui a visita- la.

A Joana quando viu- me, pulou de alegria e deu- me um forte abraço. Depois convidou- me a pasar e a tomar uns dos seus maravilhosos chás.

Estive a contar-lhe tudo o que tinha acontecido nestos dois anos sem vê- lhe.

Ao pouco tempo que eu cheguei, chegaram os seus netos, que depois soube que se chamavam João e Diogo.

Estive muito tempo falando com eles só nós mesmos e fizemo- nos bons amigos. As vezes quando telefono á Joana, eles estão com ela e falam também comigo, mas a maior parte das vezes eu telefono- lhes a eles e falamos das nossas coisas.

Atualmente, vou todos os meses por uma semana a Evora e vou de passeio com os meus amigos, o Diogo e o João. Estou desejando voltar e desta vez vou visitar o Templo Romano.

Já vem que por um mero gesto, podemos conhecer a pessoas maravilhosas com as que poder contar para o mal e para o bem.

Título: Por um mero gesto.

Número de palabras: 503.

Nombre del concursante: Ariadna Honorato Cordero.

Edad: 15 años.

Dirección postal: C/ Colombia, n.º 30/código postal 06100/ Olivenza (Badajoz)

E-mail: ariadnahocor@hotmail.com

Centro educativo: Escuelas Parroquiales Sagrado Corazón de Jesús.

B-10 QUANDO NOS ENCONTRARMOS NOVAMENTE.

LENGUA NO MATERNA

No fundo, todos somos iguais.

Vou começar a contar a historia de Victor.

Victor era um joven alto, moreno, de olhos verdes..., podía conseguir tudo o que quería. E assim foi com a Ángela.

Conheceram-se numa tarde de primavera, num parque. A Ángela estava sentada na relva, a ler um livro, na companhia de um caozinho sem raza, de eses que não há dois iguais.

Victor estava com os seus amigos, quando a viu, chamou-lhe a atenção pela calma e sosego que ela tinha.

-O qué apostas que sou capas de conquistar-la? – Disse o Victor.

Os seus amigos rião-se e disseram que não era capas.

O Victor trabalhava numa empresa muito conhecida, ainda não tinha um posto importante, mas pouco a pouco ia ascendendo ate que conseguiu ser vicepresidente, por debaixo do seu chefe. Um dia cualquier, vinha um homem de cor a fazer uma entrevista de trabalho. O seu nome era Nelson e tinha cuatro filhos. O Victor estava convencido que o seu chefe nunca lhe dava trabalho, mas mesmo assim deu-lhe. Nelson era puntual todos os días e tinha o seu gabinete ao lado do Victor. O Victor não aguantava-lhe, dizia que mais cedo o mais tarde ia falhar no trabalho e tinha de despedir-lo. E por encima Ángela não o apoiava, mas isso a ele não lhe importava muito. Sempre saia com o conto que todos somos iguais, que tinha de ser mais tolerante..., mas ele não troncava de opinião.

A situação cada vez era pior, e a Ángela ja não era feliz com o Victor. Então, um dia, apanhou o seu cão e disse-lhe:

-Quando nos voltamos a ver, mais cedo o mais tarde, vais vir comigo.

Ele sentiu uma mistura de amargura e de incerteza, porque esas palavras recordaram-lhe as que ele tinha dito aos seus amigos no parque no dia que a conheciu.

O tempo foi pasando e Victor convertiu-se num homem com muito sucesso, era o chefe da sua empresa e por fin despediu ao Nelson. Casou-se com uma mulher muito boa, a Maria, e teve dois filhos. A Maria não trabalhava porque o Victor obrigou-lhe a ficar em casa para cuidar os dois filhos. A partir de ese momento, a Maria ja não era uma pessoa alegre e com sonhos que tinha sido para se converter numa pessoa triste que era agora.

Era de novo uma tarde de primavera, e o Victor sintiu um arrepiu aquela tarde quando a caminho de casa, passou por aquele parque e a viu.

Pensou que era uma alucinação devido as fortes dores que tinha nos costados, ja lá alguns días. Estava alí, sentada na relva a ler um livro com o mesmo cão, mas era impossível! Não podía ser a Ángela! O tempo esqueceu-se dela e estava exatamente igual quando a conheceu.

Chegou-se ao pé dela asustado e a Ángela girou a cabeça e sorriu com um sorriso dulce, enquanto acariciava a cabeça do seu cão, e disse-lhe:

-Quando nos voltamos a encontrar, mais cedo o mais tarde, vens comigo. Chegou o momento.

Levantou-se e caminhou.

-Agora és igual o Nelson, igual a Maria, igual ao meu cão sem raza e igual eu mesma.- Disse a Ángela.

O Victor sabia que não estava a sonhar e negou-se a seguir a Ángela e ao seu cão que movia o rabo muito alegre. Gritou: <<Nooo>> Com todas as suas forças, mas a Ángela seguiu a caminar para o frente com o seu caozinho, enquanto unas azas brancas se abrían nas suas costas.

O Victor compreendeu tudo e só teve forças para levantar-se e seguir a Ángela.

Esta foi a historia do Victor, o meu angel mostrou-lhe o mundo e ele viu que todos somos iguais.

Quando nos encontrarmos novamente

Número de palabras: 622

Nome: Aurora Sánchez Gimeno

Edad: 15 anos

Endereço postal: Calle Monzaraz, Número 1. Olivenza (Badajoz) 06100

E-mail: aurosanchez01@gmail.com

Centro educativo: Escuelas Parroquiales Sagrado Corazón

B-11

Título: A Confusão da Marta. LENGUA NO MATERNA

Número de palabras: 911.

Era uma vez uma menina chamada Marta que tinha dezasseis anos. Sentia-se rara consigo mesma porque todas as suas amigas têm noivo ou tinham tido e ela nem tinha sido atraída por nenhum menino.

Começou a girar a questão e decidiu contar a sua melhor amiga Rita:

Marta: Rita estou preocupada, tenho dezasseis anos e ainda não tive noivo, sinto-me rara.

Rita: não tens porque gostar dos meninos, talvez o teu gosto são as meninas e não tinhas notado ou ao melhor os dois sexos.

Marta: é louca! Como podes pensar essas coisas!

Marta foi-se para a sua casa zangada pelo comentário da sua amiga. Ao chegar sentou-se pensativa na sua cama, como se o mundo tivesse parado, em sua cabeça não deixava de voltar aquelas palavras da Rita. Depois dum rato, ela sozinha consolou-se pensando que eram as típicas loucuras dela, melhor não dá-lhe importância, igual que a sua avó fazia com as notícias dos políticos.

Dias depois no recreio ouvia-se que uma menina nova estava vindo e certamente ia cair na sua turma. Aquele mesmo dia ao entrar a turma, viu-a. Marta sentiu algo dentro dela que nunca tinha experimentado. Por um ímpeto ou por simples curiosidade, Marta aproximou-se dela e começaram a falar:

Marta: Olá! Eu sou a Marta, a tua nova colega da turma, e tu?

Aitana: Eu sou Aitana.

Marta: Muito prazer Aitana, e de onde vens?

Aitana: outro dia falamos, tenho que ir. Adeus!.

Marta: Adeus!...Aitana!.

Aitana comportou-se duma maneira muito rara, como sem fugara de algo e incluso dela mesma [...]

Os días passavam muito rápidos, com a mesma velocidade que o interesse da Marta pela Aitana aumenta e começou achar aquele comentario da Rita que tinha olvidado na sua memória, mas hoje tinha em mente mais que nunca, ainda assim não, isso não podería ser.

Com o passo do tempo Marta vía que a Aitana não tinha amigas ou amigos, exceto um menino mais jovem que ela, que sempre esperava-a a saída do instituto, assim que decidiu tentar ser a sua amiga. Isto não acabou nada mal, em pouco tempo a Marta e a Aitana converteram-se numas amigas inseparáveis, eram como o peixe e y a água.

Mas a Marta tinha uma espécie de sentimento que di-le que a Aitana ocultaba algo e por isso propôs-lhe ir comer com ella depois da turma de espanhol:

Marta: Aitana queres vir comigo depois da turma ao bar de enfrente?.

Aitana: Não faz mal!.

Marta: então logo vimos.

Aitana: Okey.

Acabara a turma e a Marta e a Aitana foram para o bar. Chegaram e sentaram-se numa mesa ao final do bar. Ao pedir a comida Marta lançou-se começar a conversa, já que ela era a autora de aquel momento:

Marta: Aitana vamos falar do tema que por isso trouxe-te aquí.

Aitana: diga-me amiga.

A Marta sentía-se como a primeira vez que montou-se numa montanha russa, tinha medo da resposta da sua amiga, ainda de isso prosiguiu:

Marta: eu noto em ti um comportamento muito raro ou erro-me?.

Aitana: não, é assim Marta...

Marta: e porque? Podes diz-o com total confiança.

A face da Aitana tornou-se branca, parecia que tinha visto um fantasma.

Aitana: não Marta. É um tema pessoal que só conhece a minha família.

Marta: vamos Aitana, chevamos muito tempo juntas.

Aitana: salá! Pero isto não debe saber ninguém.

Marta: está bem.

Aitana: sou lésbica.

Marta ficou tão admirada que não disse nada durante uns minutos.

Aitana: eu sabia que não debía dizer nada, vou-me para a minha casa.
Adeus!

Marta: não Aitana, só que surpreendeu-me.

Aitana: como todos.

A Aitana caiu fora muito rapido e desapareceu em só uns segundos. De repente entrou a mãe da Aitana, que Marta conhecia porque convidou-a para jantar em várias ocasiões, era uma pessoa bacana.

Mãe da Aitana: tens visto a Aitana? Fiquei com ella na saída do instituto e não estava ali.

Marta: ella disse-me que ía-se para a sua casa.

Mãe da Marta: com certeza?

Marta: Sim.

Mãe da Marta: okey, muito obrigada. Adeus.

Issa mesma noite Marta voltou a achar as palavras da sua amiga Rita, pero esta vez não fugiu-se dos próprios pensamentos como antes fazia, era tudo o contrario.

Marta: e sim sou lésbica? Seria uma loucura, os meus pais ficariam furiosos com meu y as minhas amigas deixariam-me de lado. Não sei que fazer.

Ante tanta confusão Marta decidiu ir falar com a Aitana outra vez haber sim de alguma forma sentia-se identificada com ella.

Á manha seguinte Marta viu-la no recreio y acercou-se.

Marta: Aitana sento a minha ração de ontem.

Aitana: não têm importância.

Marta: olha, poderia perguntar-te uma coisa desse tema?

Aitana: claro!

Marta: como dis-te conta de que não gostaban-te os homens?

Aitana: muito fácil, apaixonou-me numa menina da minha turma.

A campana tocou.

[...]

Marta ao fim diu-se conta: era lesbiana, mais ainda, gostaba da Aitana.

Marta descobriu que a Aitana sentia o mesmo por ella e começaram sair. No instituto faziam-le bullying, era algo espantoso, então chegou um momento que tinha dar um jeito, assim Marta contou-o a os seus pais e sorprendentemente dão colo na decisão da sua filha e foram falar com o diretor.

Em pouco tempo o bullying cesou e a Marta e a Aitana decidiram fazer uma associação dentro do instituto chamada: o teu gênero, a tua decisão, onde poderiam ir a os adolescentes como ela, que não tinham claro o seu gênero para ajudar-lhes ou adolescentes que sofream bullying também.

Moral: não há que criticar as pessoas por a sua decisão de gênero, respetar a todas as pessoas e muito importante e também há que ajudar a quem tenhas a teu lado sem olhar quem é o não.

B-11 A Confusão da Marta

Nombre: Marina.

Apellidos: Rodríguez Torrado.

Edad: 15 años.

Número de palabras: 919

Dirección: Calle Travesía Molino de Aceite. Sin número.

Código postal: 06105.

Dirección del centro: Calle Fuerte Número 8.

B-12 A LUISA

LENGUA NO MATERNA

-Eu vou contar uma história que me chegou ao coração. Trata-se duma rapariga que eu conheci em Lisboa quando eu estava numa excursão. Ela ensinou-me que apesar das dificuldades da vida, nós podemos conseguir ser valentes y lutar com os nossos inimigos.

“Ela é a Luisa, tem 19 anos e tem uma história muito diferente à nossa. A sua história aconteceu o dia que ela chegou a Portugal. Ela nasceu em Moçambique e mudou-se a Portugal quando tinha 9 anos.

Todos sabemos que hoje em dia há muito racismo. Os cores nacionais têm muita importância nas pessoas.

Luisa tinha o cabelo escuro e ondulado e a sua pele era preta. Em Portugal é pouco habitual encontrar a gente com esse cor de pele, por isso para os seus colegas era um pouco rara, não combinavam com ela e também não falavam, era um pouco invisível.

Passou a ser o alvo de um grupo de amigas. Todas as manhãs elas batian á Luisa e abusavam dela. Luisa pensava que era normal porque nunca falava com ninguém, mas essa não era razão de bater-lhe.

Isto continuou por uns meses e Luisa não disse nada. “

- Eu acho que deveria dizer alguma coisa desde o inicio porque isso solucionaria melhor a situação. Está bom, vou seguir a história onde a tinha deixado:

“A nossa professora de português propôs-nos de ir a um intercâmbio com un instituto de Lisboa. Nós dissemos sim porque gostamos imenso de falar português e era uma boa oportunidade para melhorar a nossa pronúncia. A convivência foi o dia 31 de Março. (...)

Chegou o dia e nós saíamos da escola as nove horas. Quando lá chegamos os alunos estavam junto a porta. Primeiro apresentamo-nos e depois falamos com eles no recreio.

Sáimos ao recreio com umas meninas que na minha opinião eram boas. Imediatamente elas comenzaram a insultar a uma menina que estava no canto do pátio de recreio.

Eu fui com ela e perguntei-lhe:

-Cómo é que tú te chamas? Eu sou a Adela, sou de Espanha e vou estar acá toda a manhã.

-Eu sou a Luisa.

-Que é o que acontece?

-Eu não tenho amigas. Todos miram-me raro por ter a pele preta e ser estrangeira. Eu não posso dizer nada porque então elas seriam piores comigo.

-Isso é uma injustiça, Luisa. Todos temos de respeitar às demais pessoas.

-Eu já sei, mas elas não o compreendem.

-Eu acho que deverías de falar com os professores e solucionar o problema. “

Não voltei a falar com a Luisa nunca mais, mas um día eu estava a ver o jornal e lí uma notícia:

“UMA RAPARIGA FAZ UM DISCURSO NO DÍA DA PAZ”

O discurso era assim:

“Eu, Luisa, fui uma vítima de “bulling escolar”. Eu cheguei a Portugal e só pelas minhas características eu sofri violência das minhas colegas da turma.

Estive muitos anos assim, mas o ultimo ano, eu arranjei valentía e eu disse as minhas colegas que não era necessário bater-me. Eu disse-lhes que os meus pais ensinaram-me uns valores como a igualdade e a tolerância com outras pessoas.

As minhas colegas aprenderam a respeitar as pessoas com outras qualidades e pouco mais tarde, elas criaram uma associação contra o acoso escolar.

Eu estou feliz por ser vítima e poder ensinar a gente os valores que eu não vi nas minhas colegas”

-Eu estoy contente por a Luisa porque eu respeito muito as pessoas e soube que ela era uma gran mulher e podía fazer grandes coisas com a sua situação.

Espero que agora viva uma vida feliz com a sua família e que ela se esqueça de tudo o ocorrido.

A LUISA

-608 palavras

-Clara Pérez Cayero

-Plaza de España, nº 2, 1º izq.

claraperezcayero01@gmail.com

-Escuelas Parroquiales Sagrado Corazón de Olivenza

B-13 UMA RAPARIGA CHAMADA MANUEL LENGUA NO MATERNA

A Ana é uma rapariga de dez anos. Ela ia a uma escola preta da casa dela. Um dia a professora de historia tinha explicado na aula como eram as escolas

antigamente. A professora diz que antigamente as aulas estavam divididas, a um lado os rapais e a u outro as raparigas. Ao fin da classe Ana saiu muito contente por souber como eram as aulas há muitos anos . Esse dia foi a avó dela procurar-a na saída da escola. Ana deito uma vista de olhos ao em torno dela e olho que os rapazes e raparigas brincar todos juntos. Ao llegare a casa Ana contou-lhe a avó dela o que a professora tinha dixo na sala de aula. Depois disso ela com muita maquinação perguntou- lhe a avó dela.

-Olha avó, tu sabes por que as aulas estavam separadas antigamente e agora não?

+ Sim, eu sei. Deja que te conte uma historia....

Há muitos anos as aulas estavam separadas em dois, os homens por um lado e as mulheres por outro. O homens dedicava- se a estudar disciplinas como matemáticas, língua e outras que a sociedade pensava que as mulheres não podiam entender. As mulheres iam a escola para aprender fazer as tarefas de casa, como limpar, aprender fazer comida... e tambain aprendiam a coser.

A sociedade era cruel, as mulheres tinham proibido estudar as cosas que estudavam os somes somente por ser mulheres.

Um dia uma rapariga foi fazer um recado a sua professora, e tubo que ir as aulas dos rapazes. Ela ficou assombrada com aquilo. As aulas eram muito diferentes e divertidas, aunque tambiem eram mais duras. Ela perguntou-se para sim: - Por que os rapazes podem estudar isso e nós não? É injusto!

Antão ela pensou em vestir-se de rapaz em ir as aulas de rapazes. É uma locura Ana! Estas loca!- pensava ela.

Mas ela fez. A segunda-feira a rapariga vista-se com umas calças de seu irmão , cortou-se o se o cabelo e vestiu-se com uma camisa. Ao sair de casa andou devagarinho para que os pais dela não viram-a. Ao llegare a

escola todos os rapazes ficaram assombrados. Ninguém sabia que aquele rapaz era uma rapariga. Ela ria para si.

Ela entrou na sala de aula. O professor perguntou:

- Bem vindo rapaz, Qual é o teu nome?

Ela, que não tinha pensado em isso diz

-Eu chamo-me Manuel.

-Este bem, Manuel, sinte-te onde mais gostes

-Obrigada professor, desculpe, obrigado.

A rapariga sentia-se muito contente por estar na aquela aula e poder fazer as tarefas que faziam os rapazes. A rapariga fez muitos amigos na escola. Todos os dias ela levava as tarefas e as tardes estudava para tirar a melhor nota possível. Era a melhor aluna da sua classe. As notas dela eram sobressalentes.

A rapariga estava disfarçada até que o curso terminou. Em seus professores graduação da escola deram-lhe um prémio por ter as melhores notas da classe. Foi quando a menina disse que ela não era um rapaz, ela era uma rapariga. Os professores tinham sido espantados. E desde então as mulheres pouco a pouco iam estudando disciplinas, carreiras, e muitas coisas mais. - Quando avó terminou de contar a história diz-lhe a sua neta- Graças a essa menina agora tu podes estudar na escola, como todos os teus companheiros.

-Obrigada avó. Gostei muito da tua história. Mais eu gostaria de saber quem foi àquela rapariga.

- Fui eu amada neta.

A Anna ficou surpreendida, mas feliz de que tinha sido sua avó quem tinha feito que hoje todos os rapazes e as meninas podam estudar juntos, já que não há diferenças entre nós.

B-13 Titulo:Uma Rapariga chamada Manuel.

Nº palavras: 609.

Nome: Andrea Silva Gómez.

Idade: 16 anos.

Direccion Codigo Postal: 06100.

Escuelas Parroquiales Sagrado Corazón de Jesús.

B-14 Uma nova vida LENGUA NO MATERNA

A Magdalena era uma rapariga de catorce anos, era muito tímida e para ela era muito difícil tentar falar com alguém porque ademais era muito insegura. Ela passava a maior parte do tempo sozinha na sua casa e não tinha muitos amigos, por não dizer nenhum. A sua vida era uma rotina diária, de manhã à escola, à hora do almoço ia à casa da sua avó, as tardes passava-as sozinha fazendo as tarefas e as noites só via um pocado de televisão e nada mais.

Ela tinha claro qual era a pior parte do dia, ir à escola. Pero não por o que todos os adolescentes pensam, porque é aborrecido e têm que trabalhar. Não, ela não queria ir à escola por medo. Na sua turma ninguém falava com ela, só a chateavam.

-Gorda! Feia!

-Não serves para nada!

-Não tens amigos!

Os recreios eram eternos e insuportáveis, e cada dia desejava mais que acabasse a escola para encerrar-se na sua casa. Encerrava-se no seu quarto e chorava desconsoladamente e o pior de tudo, era que não tinha ninguém com quem falar, nenhum amigo e não era capaz de dizer nada aos seus pais.

Um dia apareceu uma rapariga nova na turma e nemguém tentou falar com ela. No fim da manhã começou falar com as raparigas da turma. A Magdalena pensava que era uma pessoa com sorte, porque num dia conseguiu falar com a gente da turma e ela em todo o curso não tinha conseguido falar com ninguém.

À saída da escola andava rápido para chegar o mais rápido possível a sua casa, pero neste dia o caminho hacia a sua casa foi diferente. A rapariga nova tentou falar com ela.

-Olá, como te chamas?

-Falas comigo?

-Sim, com quem vou estar a falar?

-Chamo-me Magdalena e tu?

-O meu nome é Lucia. Moras perto de aqui?

-Sim, na próxima rua.

-Eu também! No número dois.

-Eu moro no número três.

-Então somos vizinhas! Podemos ir e voltar juntas da escola. Combinamos amanhã aqui às 08h 10min?

-Ótimo.

-Tão bem.

-Até amanhã.

Ao dia seguinte o acosso continuava e cada dia era pior, começaram a tirar-lhe pedras e os insultos não cessavam.

E assim passavam os dias e a Magdalena cada dia estava pior porque estava a viver esse pesadelo sozinha e ninguém (professores, pais, conhecidos) viram o que estava a acontecer.

Um terrível dia decidiu acabar com tudo, com a sua infelicidade, com o acosso que estava a sofrer, com os insultos e as continuas pancadas, com a sua vida.

Deu o último beixo aos seus pais dizendo-lhes que ia para a biblioteca. Pero foi direta hacia uma ponte, onde tinha decidido acabar com a sua vida. Alí em pé pensou por última vez nos seus pais e quando estava disposta a tirar-se ouviu um grito.

-Magdalena! Que estas a fazer! Era a voz da Lucía que se acercava lentamente.

-Não te acerques mais! Deixa-me!

-Tão bem, tranquila. Pero antes de fazer qualquer coisa deixa que falemos. Porque queres fazer isto?

A Lucia tinha visto alguns comportamentos raros dos seus colegas da turma com a Magdalena e também viu que a Magdalena sempre estava sozinha e triste, por isso tentou seguir-lhe e ver que era o que acontecia com ela na turma.

-Não tenho ganas de viver. A minha vida és tudo tristeza e infelicidade.

-Que motivos tens para dizer isso?

-Tu tampoco viste o que aconteceu estes dias que estivestes aqui? Para que pergunto...Ninguém ve nada, sou invisível para todas as pessoas.

-Não digas isso. Conta-me, estou aqui para escutar-te.

-Os colegas da turma acoosam-me, chateam-me e ás vezes golpeam-me.

-A sério? Não posso crer o que estas a dizer.

-Isso é o pior, que ninguém ve nada e sinto-me sozinha em todo momento.

A Magdalena começou a chorar e a Lucía foi com ela, a Magdalena baixou á rua e alí a Lucía abraçou-lhe fortemente.

A manhã seguinte no recreio a Lucía viu como começaram a acoosar á Magdalena e foi onde eles estavam.

-Covardes! São todos uns covardes! Não vou deixar que sigam fazendo isto. Nesse momento os acosadores da turma tentaram golpear á Lucia e a Magdalena metiu-se no medio deles. Quando a Magdalena ia ser golpeada, apareceram os professores, os pais da Magdalena e a policia.

Os acosadores tiveram que ir a comissaria e a Magdalena, a Lucía, os professores e os pais da Magdalena falaram de tudo o acontecido neste tempo para solucionar tudo e falar com a Magdalena.

A Magdalena agradeceu á Lucia tudo o que fez por ela, porque sem cohecer-lhe de nada esteve com ela nos piores momentos, e esse é o verdadeiro sentido da amizade, estar nos momentos bons e não tão bons. E isso fez a Lucia, desde esse dia a Magdalena pôde dizer que tinha uma verdadeira amiga que enfrenta os problemas e os piores momentos com ela sem importar o que poda acontecer-lhe e que salvou-lhe a vida. Agora tinha uma amiga com quem falar, reir e desfrutar. É increível como uma pessoa com um pocadinho de atenção pode fazer a nossa vida diferente. Todos devemos fazer como a Lucia e lutar contra o bulling.

B-14 Título: Uma nova vida

Número de palabras: 866

Nombre: Lorena Pastrana Díaz

Edad: 15 años

Dirección postal: Avenida de Elvas, n.º 33/ código postal 06100/ Olivenza-Badajoz

E-mail: pastry_lore@hotmail.com

Centro Educativo: Escuelas Parroquiales del Sagrado Corazón de Jesús.

B-15 Paulo LENGUA NO MATERNA

Há mais de seis anos que começou a guerra na Síria. Milhões e milhões de pessoas tiveram de fugir do seu país. Fugir do país no que nasceram, no que cresceram, e onde viram morrer os seus amigos e a sua família a mãos do terrorismo. É o caso do Paulo. O Paulo era um menino de 13 anos que vinha da Síria, como outras pessoas, a fugir da sua casa e deixá-lo tudo atrás. Paulo voajava sozinho desde a Síria, com outras pessoas refugiadas, após de perder aos seus pais na guerra.

Num colégio de Elvas, em Portugal, houve um projeto que tratava de adotar a pessoas menores de dezoito anos de Síria para ajudar um bocadinho a resolver a crisis dos refugiados que tem a maior parte de Europa neste ano.

O João era um menino de 13 anos disposto a adotar algum menino para ajudar-lhe a melhorar a sua vida, mas para a mala sorte do João, os seus pais não queriam ter um menino da Síria na sua casa. Como outras pessoas de Europa, os pais do João tinham um forte sentimento de racismo, e á mesma vez, de medo de que alguma pessoa refugiada fora terrorista. O João não concordava com eles, porque ele sabia a situação na que encontravam-se muitas pessoas da Síria. O Paulo foi adotado por outra familia, e como ele, mais de cinquenta crianças refugiadas.

Com o paso do tempo, na escola, por estar na mesma turma, o Paulo e o João fizeram-se bonos amigos. Jogavam, estudavam e passavam o tempo juntos, como fazem os amigos. Os pais do João não estavam contentes com isto, mas o João era muito feliz de poder cambiar a vida de Paulo, para que esquecera o seu pasado.

Um dia, o João e o Paulo tinham de fazer um trabalho de portugués na casa do João. João não disse nada ao seu pai, e por isso quando ele chegou do trabalho e viu a o Paulo, ficou muito zangado e começou falar a gritos:

-Por que não me disseste que este menino vinha á nossa casa? Não tinha dito que não quero que te relaciones com ele? Já sabes o que acho disto. Não quero que passe mais tempo nesta casa.

O Paulo, que estaba a ouvir ao pai do João, saiu a correr, triste, da casa do seu amigo.

-Já ficaste contente? Mira o que fizeste. Paulo foi-se chorando. Eu sinto vergonha de ter um pai como tu! Disse João, em lágrimas, e foi-se para o seu quarto, desapontado.

Paulo e João estiveram uns días sem ver-se, mas seguiam sendo amigos. Uns días depois, eles foram jogar futebol a rua, como outros días. O pai do João viu que ele não estava em casa e foi busca-lo no carro. Passou por a rua donde eles estavam a jogar, e muito zangado sem perceber que o filho estava no meio da rua, casi atropela-o, mas o Paulo salvou-o, recibendo o golpe. O pai do João saiu do carro, para ver como estavam os meninos. Os dois estavam bem, mas o Paulo tinha algunas feridas.

-Eu não sei que dizer. Salvaste ao meu filho. Muito obrigado, Paulo, errei contigo. Sim que eres um bom menino.

-Não tem de agradecer-me nada. Fiz o que todos fariam no meu lugar. Solo pedo-lhe que não me juzgue por o meu pasado. Eu tive uma vida dificultosa. Perdi a mina familia e só quero começar uma nova vida.

Título: Paulo

Palabras:580

Concursante: Juan González Ferrera, 15 años

Código postal: 06106

Dirección: San Benito, Calle Monte Alto nº 19

juangf-852001@hotmail.com

Centro: Sagrado Corazón de Jesús, Olivenza

B15

B-16 BAJO LOS OJOS DE UN NIÑO

“Abuelo”,-dijo mientras observaba las magníficas rosas que su abuela cuidaba cada día en el jardín- “¿por qué este año no me regaláis un teléfono móvil el día de mi cumpleaños? Todos mis amigos tienen uno, y, ¿sabes una cosa?, Alba me ha enseñado un juego que se ha descargado en su móvil en el que puede hacer cosas muy divertidas, pero dice que no me puede dejar utilizarlo porque yo no tengo móvil y soy más aburrido. ¿A que eso no es verdad? ¿A que mis dibujos de astronautas son los más graciosos y divertidos?”

Francisco, al escuchar esta sorprendente petición de Mario, pensó que era la hora perfecta para mostrarle la verdad, para hablarle de la triste realidad en la que vivía este chico de catorce años que, comparándolo con chicos de su misma edad parecía tener menos que ellos.

Preocupado y nervioso, acertó a ir a la cocina donde Luisa, su mujer, preparaba una deliciosa tarta de manzana para la posterior cena de amigos que tendría lugar esa noche en casa de los vecinos de enfrente. Francisco esperó pacientemente e incluso la ayudó a terminar para dialogar con ella tranquilamente el drama que se les presentaba.

Luisa es una mujer muy pacífica. Entiende que Francisco, su marido, esté muy preocupado por la educación de Mario, su nieto, ya que la situación en que se encuentra no es nada fácil: sus padres lo abandonaron a la edad de cinco años porque no deseaban compartir una vida a su lado, si no vivir como si no tuvieran a este, sin su presencia. Así que Luisa y Francisco se encargaron de él con mucho gusto, aunque resentidos por tal decisión de sus padres.

“Francisco, sé que este no es un tema con el que tienes mucha paciencia, pero tienes que entender que Mario observa a su alrededor ciertas situaciones que él no tiene la oportunidad de vivir. Tenemos que ser pacientes con él y enseñarle lo que realmente queremos de él para llegar a ser un hombre de provecho, y, en fin, no dejarse influir por otras personas negativamente”.

Mientras Mario bajaba las escaleras de la buhardilla de la que cogió sus Vans, sus abuelos le hicieron un gesto para que se acomodara con ellos en el sofá del salón. Ninguno de los dos sabían cómo dar pie a la conversación: Francisco porque le tenía muy preocupado y no veía posible

solución; Luisa porque no encontraba forma de ello. Finalmente, el abuelo tomó la palabra y rompiendo el hielo, le dijo a su queridísimo nieto: “Mario, tenemos que hablar [...]. Y por esta razón no quiero que te dejes influenciar por nadie, porque eres único, hijo mío, y algún día lograrás ser ese pájaro que no volará en bandada porque ha descubierto que su objetivo no es volar para encontrar qué comer, sino disfrutar el vuelo; serás ese pájaro valiente que de entre sus gustos y obligaciones *impuestas* por la sociedad, opte por hacer lo que a él le haga feliz.”

Bajo los ojos de un niño.

RULO

505 palabras.

Cristina Ruiz López.

15 años- 4º ESO.

C/ APOLINAR MORENO, 7.

10100 MIAJADAS (CÁCERES).

cristinasr11@gmail.com

Colegio Sagrado Corazón de Jesús y María Inmaculada de Miajadas.

C/ Calvario, 1.

10100 MIAJADAS (CÁCERES).

927347376 –F 927161110.

PRIMER CLASIFICADO 1 IPAD MINI

B-17 El joven hombre

El joven hombre caminaba tranquilo durante esa noche oscura y con nubes que presagiaban una tormenta. “Debería apresurarme”, pensó, mientras se paró y miró directo al cielo, y luego prosiguió con su viaje. La calle estaba extrañamente vacía y tranquila esa noche, algo que este joven había notado hacía ya tiempo y que, por alguna razón que no comprendía, lo inquietaba y lo hacía apresurarse todavía más. De pronto, escuchó un sonido detrás suyo, como un pitido o un silbido, que retumbó en el aire con un eco sombrío y estremecedor y una tonada que despertaba a la locura y a los sentimientos más oscuros que pueden llegar a habitar en el corazón de un hombre, pero que parecía no pertenecer a este plano de existencia tan terrenal, pues era como si proviniera del mismísimo Mas Allá, y cuando se dio la vuelta para buscar el origen de tan extraño y tétrico ruido, no vio más que la calle y los autos estacionados en los garajes de las casas. “Debe ser mi imaginación”, se dijo.

Cuando se dio la vuelta para seguir caminando, le pareció ver por el rabllo del ojo y por apenas unos milisegundos, una presencia oscura, que se asomaba desde uno de los árboles que se encontraban allí. Comenzó a caminar de una manera apresurada, casi corriendo, con ese sonido detrás

de él que parecía acercarse cada vez más. De vez en cuando se daba la vuelta por unos segundos para mirar hacia la nada, esperando ver por fin de donde provenía ese silbido infernal, y todas las veces veía lo mismo por el rabillo del ojo: una figura etérea que se asomaba desde detrás de algo.

El silbido comenzó a aumentar su volumen gradualmente, y ahora ya no provenía desde detrás de él, sino que desde todos lados, desde todos los posibles ángulos. Fue en este momento cuando el joven se dio cuenta de que todo lo que estaba pasando a su alrededor no era un producto de su imaginación ni de su mente cansada, sino que en realidad estaba pasando, todo había sido verdad desde un principio y, al borde de la locura, comenzó a correr, como nunca lo había hecho hasta entonces. Mientras corría, comenzó a ver esa sombría figura en todos lados: en los tejados de las casas, dentro de los autos, incluso sobre las copas de los árboles. El muchacho, ya cansado y totalmente horrorizado, tropezó con un pedazo sobresaliente de vereda rota, y cayó al suelo sobre sus manos. Cuando trataba de levantarse, alzó la mirada y allí estaba: esa horrible, negra y etérea silueta parada justo delante de él, sonriendo y mirándolo fijamente con unos ojos que recordaban a las mismas llamas del infierno.

Convencido de que había llegado el momento de su prematura muerte, cerró los ojos y esperó lo peor.

Se despertó sobresaltado y totalmente empapado en su propio sudor. Miró alrededor de él y solo pudo apreciar la tranquilidad de su habitación. Afuera, se gestaba una tormenta ensordecedora y estrepitosa. Las gotas de agua chocaban contra las ventanas de su habitación, y parecían lágrimas que se deslizaban sobre un rostro de cristal. “Fue solo un sueño”, pensó, todavía algo alterado por la reciente pesadilla. Se levantó de la cama, se encaminó hasta el baño y se lavó el rostro con el agua del grifo. Luego bajo las escaleras, acompañado por el sonido de sus propias pisadas y de las gotas de agua chocando sobre el tejado.

Entonces lo volvió a escuchar; ese maldito sonido que parecía provenir desde el más profundo de los círculos del Averno. Se quedó ahí parado, en medio de la escalera, totalmente petrificado por el miedo, con la mirada perdida en el vacío y sus ojos totalmente inyectados en sangre. Su cuerpo comenzó a producir un sudor frío que bajaba por su rostro.

De repente, un relámpago iluminó toda la sala por apenas unos segundos y le obligó a cerrar los ojos. Cuando los abrió, no pudo dar crédito a lo que sus ojos veían: todo el recinto estaba totalmente atestado de esas diminutas y detestables criaturitas, que se movían y amontonaban uno sobre otro con un ritmo demencial. Cuando sus piernas por fin se decidieron a responderle, se dio la vuelta y volvió a subir las escaleras, y se

dirigió a la seguridad de su habitación. Cuando llegó, entró y cerró la puerta detrás de sí y se recostó contra ella. Se dejó caer y hundió su rostro envuelto en lágrimas en sus manos mientras ese sonido diabólico le retumbaba en la cabeza. El pobre hombre ya no pudo aguantar más y dirigió sus manos a sus oídos e introdujo sus dedos índices dentro de ellos, hasta llegar a lo más profundo, destrozando sus tímpanos, con la esperanza de acallar el silbido que lo atormentaba, pero fue en vano. Al poco tiempo su cuerpo fue encontrado por la policía, debido a las denuncias de sus vecinos sobre el olor que provenía desde dentro de la casa. Un detective se acercó al cuerpo y le dijo al policía que se encontraba ahí tomando fotografías: -¿Qué tenemos aquí?

-Hombre joven de 26 años. Su nombre era Marco Dinardi. Sufrió una arritmia general entre las 3:30 y las 3:50 de la madrugada.

-¿Arritmia general? ¿En un hombre de 26 años?- dijo el detective con tono de duda. -Sí. Al parecer fue causada por un repentino... ataque de pánico. - Entiendo. -También parece que se destrozó los tímpanos con sus propias manos. Era esquizofrénico. Encontramos sus medicamentos en la basura.

En ese momento el detective creyó escuchar un silbido, casi imperceptible, pero que aun así estaba ahí. No lo creyó importante y siguió con su trabajo. VAN SITO

B-17

“El joven hombre caminaba tranquilo durante esa noche oscura y con
nubes que presagiaban una tormenta”

977 palabras.

Iván Miguel Alonso.

16 años.

San José, 7, bajo. 10600. Plasencia.

IES Valle del Jerte, Plasencia.

ldefelipem01@iesvalledeljerteplasencia.es

B- 18

¿A qué se debe tanta guerra?

Allá en el S.XV, yacía un pequeño pueblo, situado a orillas del Guadiana. Éste, a menudo era protagonista de numerosos conflictos con un pueblo vecino, con el que mantenía una mala relación desde hacía ya un tiempo. Sus habitantes, eran recibidos, ya desde primera hora de la mañana, con numerosas bombas y explosivos que causaban enormes estrepitos y no les dejaban llevar una vida normal, debido a los estragos irreparables a los que estaban sometidos. Un día entre otro cualquiera, Marco, un joven pacense de 13 años, se aproximaba al mercado para realizar los recados encomendados por su madre, que a pesar de ser presa de una vida machista, era feliz con sus hijos, en especial con Marco, al que tenía mucho cariño. Marco era un muchacho humilde y desinteresado, asistía a clases, impartidas en una pequeña aldea, a la que acudían algunas mañanas, ya que otras no podían debido a los problemas políticos y sociales, de los que eran víctimas. Asistían a clases en una aldea a la que era necesaria llegar a través de un barco que atravesaba el río Guadiana, transportando a los viajeros hasta la aldea. Marco pertenecía a una familia humilde, su madre trabajaba en casa ocupándose de sus siete hermanos, todo ellos varones, su padre trabajaba en una mina cercana, y era de lo que se mantenían. Fausto, el padre de marco, era un hombre trabajador, le gustaba lo que hacía, pero a veces se dejaba llevar por la mala vida, donde estaba tres o cuatro días sin aparecer por casa y por lo tanto dejando a una familia desamparada y sin consuelo alguno.

Filipina.- Hijo, hoy no puedes ir a la escuela, no tengo ni una peseta para el barco.

Marco.- No te preocupes mama, rodearé el río para llegar hasta la escuela, y de vuelta veré si puedo traer algo de comer del mercado.

Filipina.- Gracias hijo.

Marco que estaba al tanto de la situación por la que transcurría su familia, no dudó en realizar lo que le había prometido a su madre para no preocuparla más.

Marco se disponía a rodear el río, cuando a mitad del camino se topó con una reja gigante, la cual tenía un pequeño agujero en su

parte izquierda, y se atrevió a traspasarlo , conducía a un inmenso campo de batalla, que establecía las fronteras entre ambos pueblos. Eran muchas las disputas entre ambos, Marco que no entendía el porqué de tanto algarabío, se adentró en el campo de batalla sin saber todos los problemas que surgirían ...

Una de los soldados que llevaba a cabo los entrenamientos de aquellos futuros guerreros que un día se dejarían la vida luchando por defender aquello en lo que creen, se percató de la presencia de marco y alertó al rey, quien no mostró ningún tipo de reparo en castigar severamente a este joven español, por su severa ofensa al adentrarse en tierras portuguesas.

Califa.- Joven, ¿Cómo osa entrar en tierras portuguesas sin permiso?

Marco.- Perdón señor.

Califa.- ¡Pasará la noche en los calabozos!

Marco se encontraba en los calabozos, cuando oyó un ruido que le desveló... Era la hija del Califa, Rosalía, quien tenía curiosidad por saber quién había...

Marco.- ¿Quién anda ahí?

Rosalía.- Lo siento, no pretendía asustarte.

Marco.- ¿Quién eres?

Rosalía.- Soy Rosalía, la hija del Califa.

Marco (impactado por la belleza de la joven).- Siento mis modales, no esperaba tener visita esta noche.

Rosalía.- ¿Por qué está aquí?

Marco.- Bueno, me cogieron en el campo de entrenamiento...

Rosalía.- Tengo las llaves, si quieres te saco, damos un paseo y así charlamos.

Marco.- ¡Me encantaría!

Marco y la princesa Rosalía, entablaron una gran amistad que con el tiempo fue creciendo, quedaban a diario a sabiendas de los conflictos entre sus pueblos, ellos eran felices el uno con el otro, no necesitaban a nadie más, hasta que un día, el Califa entró en la habitación de la princesa y al percatarse de su ausencia se alarmó y mando una cuadrilla de soldados en busca de Rosalía.

Estuvieron toda la noche en su busca pero no la encontraron. A la mañana siguiente, el Califa se dirigió a los jardines del palacio y en un momento de desespero se encontró detrás de unos matorrales repletos de rosas preciosas a su hija Rosalía con un muchacho envuelto en harapos, Marco, aquel niño al que encerró semanas atrás y al que liberó a cambio de no volver a verlo por allí. El Califa se enteró del romance que había surgido entre ambos, para él era un hecho inaceptable y lo condenó a muerte en la guillotina. El Califa informó a sus padres y a los habitantes de Badajoz para que asistieran a la ceremonia.

Califa.- ¡Rosalía, ni se te ocurra salir de tu habitación, bastantes estragos has causado ya!

Rosalía.- Papá, por favor, déjalo escapar, Marco no ha hecho nada malo he sido yo, estaba aburrida de estar tanto tiempo encerrada en el castillo y por fin he conocido a alguien de mi edad con quien hablar y compartir mis pensamientos.

Califa.-¡ Rosalía, basta, ya he tenido suficiente!

Uno de los soldados se disponía a guillotinar al joven, cuando de repente aparece Rosalía, que había trepado desde su ventana hasta el suelo para hacer entrar en razón a su testarudo padre, de que con tantas disputas no iban a llegar a ningún lado.

Califa.- Rosalía, ¿cómo osas desobedecer mis órdenes?

Rosalía.- Papa por favor suéltalo, fui yo la que lo corrompí, no aguantaba más esta situación, estamos todo el día en guerra, no hay motivo para que estemos así.

Marco.- Es verdad señor, podríamos hacer un acuerdo entre los pueblos en los que ambos aportemos cordialidad y podamos vivir en paz y así prosperar y cooperar los unos con los otros.

Todos los ciudadanos aplaudieron las palabras del joven, que dejaron impactados a ambos califas los cuales accedieron a la propuesta, lo que dio lugar a una unión entre ambos y mejoras innumerables.

Elebege

B-18

Título: ¿A qué se debe tanta guerra?

Número de palabras del relato: 999 número de palabras

Nombre del concursante: Lucía Barrera González

Edad: 15 años

Dirección postal: C/Cristóbal Oudrid Nº25 2ºA Badajoz
(Extremadura)

Email: lbargon@santoangelbadajoz.es

Nombre del colegio: Santo Ángel de la Guarda (Badajoz)

B-19 SIN TITULO

Todo había sido una mentira. Una gran mentira. Una historia que se repetía. Y no paraba de pensar. Pensaba en ella. En Cecilia. Me acordé del día en que la conocí. Y en que todo había sido una casualidad. Una casualidad que en realidad era otra broma del destino. Otra vez, mi gran enemigo. Ese que nunca para, que nunca se rinde. Que siempre te depara algo que no te esperas.

Y que se ríe de ti.

Y nunca descansa.

Decidí encontrarme con ella. Y así fue.

Mantuvimos la mirada varios minutos. El olor a perfume era insoportable. Ella llevaba una carta. Un frío saludo rompió el hielo. Una mirada llorosa y una sonrisa fingida fueron lo siguiente.

Y ella se dio la vuelta. Y la carta cayó al suelo. Y empezó a llover. Y ella se había dado la vuelta. Se había dado la vuelta tan rápido que no pudo ver aquel coche.

Silencio.

Sirenas. Gente. Miedo. Lágrimas.

El corazón de aquella chica daba sus últimos latidos en aquel pequeño pueblo.

Mientras tanto, una chica en otro lugar, Anastasia, necesitaba un trasplante o moriría. Una vida por otra.

Matar dos pájaros de un tiro, para unos. Suerte para otros.

Prisa. Llamadas. Ilusión.

Horas más tarde, el corazón de Cecilia, continuaba latiendo.

Y era miércoles...

Madrid. Veinte años más tarde.

Volví a mi casa. Había pasado todo el día fuera pensando en lo que le había pasado a Cecilia veinte años atrás. Su esencia seguía en mi mente. No había pasado página.

Bajé del vehículo. Entré en casa. Allí estaban las dos personas más importantes de mi vida: mi mujer y mi hija.

Mi hija se llamaba Cecilia, y mi mujer Anastasia.

Y volvía a ser miércoles...

B-19

TÍTULO: SIN TÍTULO

NÚMERO DE PALABRAS: 287

ALUMNA: VALENTÍN CAYETANO CARBAJO MARTÍN

EDAD: 16 AÑOS

DIRECCIÓN: AVDA. DE BADAJOZ, 70, 2º B, SAN VICENTE DE ALCÁNTARA
06500, BADAJOZ

E-MAIL: fatimafrprofe@gmail.com

CENTRO: IES LOUSTAU-VALVERDE, VALENCIA DE ALCÁNTARA, CÁCERES

B-20 Un misterio sin resolver

Era una calurosa tarde de verano. El sol ya se despedía con sus últimos rayos cuando Juan y yo salimos de casa para dar una vuelta por el pueblo, como veníamos acostumbrando en los últimos días para estirar las piernas y conversar un rato.

Por el devenir de la conversación, que estaba muy animada, nos despistamos y fuimos a parar a una calle por la que nunca habíamos pasado. La curiosidad hizo que continuásemos andando para averiguar a dónde nos llevaba. Cuál fue el asombro de ambos cuando de repente nos vimos frente a lo que parecía una antigua iglesia abandonada. Sus muros de piedra, los arcos, las figuras talladas de su portada... me hicieron sospechar que podía ser de estilo románico, quizás anterior. Pero no era momento para hablar de arte. Juan estaba agarrado a mi brazo, más temeroso que intrigado.

-¿Entramos?- le pregunté.

- Claro, claro- dijo envalentonándose. - Pero no sé por dónde, la puerta está derruida- dijo.

Entonces vi una enorme ventana de cristales rotos, y decidimos abordar el templo misterioso por ahí. Un simple salto y ya estábamos dentro,

Ante nuestros ojos apareció una enorme cruz de madera que yacía en el suelo, debía pesar toneladas!- pensé. Después nos fijamos en el resto de la nave: los bancos partidos, el techo casi derruido, el suelo levantado, las paredes desconchadas... y el altar, ¡el altar para nuestro asombro estaba en perfecto estado!, como si esa misma mañana se hubiese oficiado una misa!. Flores frescas, manteles recién planchados, círios casi humeantes aún.

Un escalofrío recorrió todo mi cuerpo.

Juan estaba pálido y no articulaba palabra. Pero de repente, se dirigió al altar y dijo - Vamos, tienes miedo o qué? Investiguemos qué es todo esto!.

De repente, las ventanas comenzaron a abrir y cerrar sus hojas de forma ensordecedora, como si alguien las estuviese agitando; los bancos volaron por el aire, diversos objetos iban de aquí para allá sin ningún sentido, sin tocar ninguna pared, sin rozar ningún arco!

Despavoridos, salimos corriendo de allí. Corrimos, corrimos y después corrimos más. Sin mirarnos, sin decir nada, sólo queríamos dejar atrás aquel templo del terror.

No volvimos a quedar para nuestro paseo . Ni siquiera hablamos de lo ocurrido cuando volvimos a coincidir. Parecía que había sido fruto de nuestra imaginación o de un mal sueño. Nadie nos creería.

Pero algo fatal estaba por venir.

A los siete días de aquella noche, a la misma hora en que profanamos la misteriosa iglesia, me empezaron a ocurrir cosas inexplicables, sobrenaturales. Y a Juan también. Fantasmas que se aparecían con no muy buenas intenciones, espíritus que atormentaban nuestras noches, criaturas extrañas que nos atemorizaban...

Tras tres días de espantosas apariciones, decidimos ir a un curandero conocido en el pueblo por sus dotes espirituales, y nos explicó que nos habían echado una maldición mortal por profanar la Casa de Lucifer. El mismísimo demonio, que se apoderó del templo varios siglos atrás.

A los tres años, Juan murió en extrañas circunstancias. La policía no pudo encontrar justificación a su muerte. El curandero me advirtió que sin remedio, el siguiente sería yo. A menos que destruyera el templo...

B-20

TÍTULO: UN MISTERIO SIN RESOLVER

NÚMERO DE PALABRAS: 528

ALUMNA: IGNACIO GARCÍA PÉREZ

EDAD: 16 AÑOS

DIRECCIÓN: C/ LUIS RIVERA, 1, VALENCIA DE ALCÁNTARA 10500, CÁCERES

E-MAIL: fatimafrprofe@gmail.com

CENTRO: IES LOUSTAU-VALVERDE, VALENCIA DE ALCÁNTARA, CÁCERES

B-21

MIEDO.

Ella tenía miedo, miedo a todo, desde que se levantaba hasta que se acostaba. Miedo a la vida, y como no, a la muerte.

Ella tenía miedo de salir a la calle, no podía imaginarse como cambió tanto su vida desde que entraron en su casa y abusaron de ella.

Otro día que pasa y ella se sentía sola en esa tragedia.

Los días, horas, minutos y segundos, pasaban, y ella no podía evitar llorar y pensar que era Como un trapo.

Ella sabía que no era la única que había sufrido una violación, pero el dolor era tan grande que no podía salir de ese agujero negro.

Otro día que pasa y sigue sin vivir, sin reír, sin salir... Cada día con más miedo y menos ganas de vivir.

Otro día que pasa, parece que se va encontrando mejor, pero el miedo sigue ahí.

Ella ya podía sonreír, no a mucha gente, pero ya sonreía al cartero.

Ella se daba cuenta de que iba mejorando.

Sí, otro día que pasa, por fin se da cuenta que lo único que le queda es luchar y afrontar la vida.

Otro día que pasa, se encuentra bien, empieza a salir con sus amigos y a disfrutar poco a poco lo mejor que puede.

Se va encontrando mejor.

Otro día que pasa, se encuentra mejor pero el miedo permanece.

Otro día que pasa, se encuentra a unos viejos amigos, "como ella decía", los mejores amigos que alguien puede tener.

Otro día que pasa, cada día se encuentra mejor, empieza a sentirse bien, ya el miedo desaparece. Disfruta la vida al máximo con sus amigos.

No me puedo imaginar la cantidad de gente que ha sufrido por violencia.

Otro día que pasa, sus padres ven que algo falla, pero no saben qué...

Ella no estaba bien, empezó a consumir drogas y alcohol.

Otro día que pasa, y el último para ella...

B-21

TÍTULO: MIEDO

NÚMERO DE PALABRAS: 318

ALUMNA: MARÍA NABAIS COELHO

EDAD: 16 AÑOS

DIRECCIÓN: PASEO SAN FRANCISCO, 14, VALENCIA DE ALCÁNTARA 10500, CÁCERES

E-MAIL: fatimafrprofe@gmail.com

CENTRO: IES LOUSTAU-VALVERDE, VALENCIA DE ALCÁNTARA, CÁCERES

QUINTO CLASIFICADO

B- 22 Na conveniência da inconveniência

São três da tarde. Onze da noite em Macau, meio-dia no Rio de Janeiro e três da manhã em Sidney. Todos estes sítios cruzaram ou irão cruzar as três da tarde.

Assim como as horas, as pessoas também vivem pensamentos, sentimentos ou emoções nas diferentes fases da vida, que toda a gente (ou a maioria) experienciou ou irá experienciar.

Lenna, uma jovem estudante universitária na área de design e artes visuais, vivera à relativamente pouco tempo um dos piores períodos, tanto da sua vida académica como pessoal. A colega com quem partilhava casa, morrera num acidente de viação, Lenna deixara 3 cadeiras do seu curso por completar e descobrira que o seu namorado lhe era infiel.

Depois de dias fechada em casa sem querer sair à rua, Lenna voltara a estudar.

Mikael, por o contrário, vivera o período mais feliz da sua vida até então. Fora promovido no emprego, para o cargo de chefe do departamento de arquitectura na empresa em que trabalhara, a sua mulher estava grávida de gémeos e o seu irmão acabara de se casar.

Duas histórias de vida aparentemente distintas.

Eis que o acaso realmente acontece quando menos se espera. Mikael estava bastante interessado num novo projeto para a construção de um hotel que pretendia linhas características de culturas dos quatro cantos do globo. Como tal, decide contratar um consultor de design e artes visuais, de modo a que o seu projeto fosse o mais realista possível.

Pablo, professor universitário nessa área com sucessos intermináveis e já distinguido em diversas revistas conceituadas, apesar de uma vida profissional marcada por sucessos, Pablo teve uma vida familiar bastante conturbada, é a escolha acertada.

Depois de semanas de conversações, são estabelecidos os acordos e Pablo e Mikael começam a planear e a pesquisar a elaboração do projeto *O Lugar do Mundo*.

Apesar do período conturbado da sua vida, Lenna é uma das escolhas do seu professor para ser assistente neste projeto como forma de complementar o seu currículo. No princípio, Lenna não queria aceitar essa proposta de projecto, mas depois de pensar cautelosamente na sua vida académica ela decide aceitar.

Pablo, Mikael e Lenna encontram-se no escritório de Mikael e começam a surgir ideias. Ao fim de três horas de reunião, estava tudo encaminhado para ser um projeto memorável.

Subitamente, o diretor executivo do hotel, decidiu abandonar o projeto, porém Mikael já estava muito apegado ao *O Lugar do Mundo* e decidiu prosseguir com o seu plano mesmo que para isso fosse necessário pedir um empréstimo ao banco.

Passados três meses de reuniões, estudos e imensos acordos começam as obras para a construção do hotel. Entretanto, era o fim do ano letivo e apesar de todas as divergências Lenna conseguira transitar para o ano seguinte. O projeto já não lhe era necessário para o curso, porém Lenna decidiu ficar a acompanhar o resultado final.

Chegado o momento tão esperado por todos... a inauguração do *O Lugar do Mundo*. Foi um autêntico sucesso.

Após meses inexplicáveis de sucesso e depois do hotel já ter sido capa de diversas revistas conceituadas na área, entre elas a *Architectural Digest* e numa manhã igual a tantas outras acontece o inimaginável... um enorme incêndio no hotel.

Depois de horas intermináveis de averiguação dos estragos por parte das autoridades, é notórios os estragos irremediáveis no hotel e como se não fosse já o suficiente registou-se uma vítima mortal. Pablo estava a finalizar umas propostas de projetos que tinham ficado pendentes, no escritório que lhe tinha ficado predefinido no hotel, naquela manhã e, não conseguiu escapar à fúria das chamas provocadas por um curto-circuito no quadro eléctrico.

Um sonho que tinha sido tão bem sucedido e resultado de um enorme esforço parecia ser impossível de renascer por entre as cinzas.

Após dois anos de reconstrução do hotel, Lenna e Mikael conseguiram reabrir o hotel.

Nesse período de tempo da tragédia do hotel até a reabertura, Lenna decidiu deixar o curso que frequentava e seguir o curso de hotelaria como forma de ser ainda mais presente no hotel e Mikael tornou-se diretor executivo do hotel.

Nem todas as consequências do incêndio foram más, pois com essa tragédia o hotel passou a ser bastante conhecido. Como tal, os diretores executivos de outros hotéis assinaram contratos de parceria com Mikael.

Assim, *O Lugar do Mundo* passou a ser o nome de uma cadeia de hotéis, distinguida e premiada, com hotéis em Macau, no Rio de Janeiro e em Sidney.

Tudo correu melhor que o planeado, até que uma nova cadeia de hotéis a *Por todo o globo* começou a ter mais sucesso do que *O Lugar do Mundo*, como tal, as contas começaram a surgir. Num curto espaço de semanas, o hotel de Mikael começou a entrar na falência.

Desesperados Lenna e Mikael começaram a tentar fazer frente às contas o que parecia impossível, visto que, não pareciam ter fim. Porém, às vezes as ideias surgem das mais absurdas maneiras... numa fria tarde de novembro às três da tarde Lenna ia a estava sentada num banco de jardim a beber o seu habitual *cappuccino*, quando repara que por debaixo da sua bota de camurça estava caído no chão um panfleto de concurso de escrita e teve uma ideia.

Dias depois apresenta a sua ideia a Mikael, criar um concurso que interligasse as diferentes culturas representadas no hotel. Para isso, iria surgir a “semana do conhecimento”, ou seja, as segundas passavam a ser alusivas a escritores premiados de cada zona do globo, as terças a cantores e assim por diante, de modo a que cada hóspede independentemente de que parte do mundo fosse se sentisse em casa e ao redor do mundo sem sair do mesmo lugar num curto período de tempo. E para as crianças eram demonstradas peças de teatro e danças.

Com esta ideia *O Lugar do Mundo* voltou à glória antiga, Lenna e Mikael são bem sucedidos profissionalmente e pessoalmente, mas Pablo permanecerá sempre na lembrança dos dois e no mundialmente conhecido hotel.

B- 22 Título da narrativa: “ Na conveniência da inconveniência”

Número de palavras da narrativa: 1000 palavras

Nome do autor: Joana Alexandra da Silva Silveira

Endereço Postal:7540-223

Correio electrónico: anaojsilveira1@gmail.com

Nome do Agrupamento escolar: Agrupamento de Escolas de Santiago de Cacém

15 anos

Não há mais



Lágrimas

B- 23 NÃO HÁ MAIS LAGRIMAS

Há pessoas que fazem mal sem perceber isso. Eles podem matar alguém até mesmo sem utilidade de armas, só palavras ruins e ações.

Ações que fizeram que a minha vida terminasse.

Olá sou a Caterina, Caterina Oliveira. Eu tenho 16 anos, bom, eu tinha. Você não sabe por que acabei com a minha vida, não é?

Não se preocupe, eu vou explicar-lhe.

Todo começou depois do acidente. A minha melhor amiga e eu estiveramos a montar na moto... Ela foi ao hospital mas eu estava bem.

Não sabia o que fazer. Foi então quando eu pensei que o meu futuro iba a ficar mudado.

Iba todos os dias ao hospital, eu a acompanhava e nunca sabia como reagir.

O meu instituto não era igual. Ninguém falou comigo, era transparente, invisível. Mas ao mesmo era o centro de atenção.

Eu estive todo o dia sozinha. Quando mais precisava de alguém ao meu lado.



A gente fala, eu sei. Algo estava a passar, mas eu não estava a entender.

Agora todos estavam rindo de mim. O porque? , uma foto de mim e a minha amiga bebendo antes do acidente. Todo o mundo pensava que nós estábamos bêbadas mas não é.

Foi então quando comecei a ser a bêbada do instituto. Não, não era engraçado.

A minha amiga piorou. Pensei em positivo mas, uma vez mais, eu estava errada.

Ela morreu...

Esse foi o dia mais triste da minha vida.

Mas o que esta a acontecer agora foi ainda pior.

Os meus colegas do instituto me odiavam. Disseram-me que eu dei-lhe álcool a minha amiga, e que ela teve o acidente por causa de mim. Que eu matei-a. Tranquilos, vocês mataram-me, já estamos em paz.

Não foi o único comentario que me afetou. Os insultos, toda a gente estava a insultar-me.

Os insultos são balas, as bocas , pistolas, e ambas podem ferir como um arma de verdade.



Por que fizeram isso?

Eu não quis viver mas, mas foi quando o Mateo apareceu na minha vida. Gracias a você eu di-lhe um hipótese a ela, erro terrível.

Eu estava apaixonada por ele, e nos encontramos um dia.

Foi a noite do meu primer beijo e quando o meu coração quedou despedaçado.

Após do beijo, ele dissera-me

- A tua amiga beijava melhor que você.

O Mateo era o enamorado da minha amiga.



Não demorou o instituto em sabê-lo.

Todos me disseram:

- Estavas ansiosa por que a tua amiga morresse para beijar o seu enamorado!
- Desesperada!

Eu não soube que era o seu enamorado.

Penso que são suficientes razões.

Não pensei mas sobre isso. Tomei a faca da minha cozinha e enquanto chorava eu estava despedindo a minha vida.

Foi a ultima lagrima. Si alguém tivesse estado comigo quando eu precisava disso tal vez tivesse visto o sol um dia mas, mais não.



B-23

TITULO: Não há mais lagrimas

NUMERO DE PALAVRAS: 472

NOME: Javier Fernández Sánchez

EDAD: 15

ENDEREÇO POSTAL: Rua "Los Olivares" numero 5

EMAIL: Javi312002@gmail.com

CENTRO EDUCATIVO: Escuelas parroquiales del sagrado corazón de Olivenza.

B-24 ¿Niños jugando ...?

Salí de casa, uno de esos días que sales a pasear, pero no tienes ni rumbo ni destino pues ahí estaba yo sola en medio de la calle andando a no sé dónde. La naturaleza se escuchaba a mi alrededor, el sol brillaba con fuerza, ya que era primavera. La alegría se respiraba por las calles, los árboles florecían, los niños jugaban en la calle, unos a la pelota otros a la comba o con la bicicleta o simplemente a las palmas; los padres estaban sentados en las terrazas de los bares tomando café mientras sus hijos se divertían todos juntos con la llegada de la primavera, los parques estaban rebosantes de felicidad y niños y mayores correteando, pero en fin tendremos que salir de la fantasía y volver a la realidad, en estos tiempos los niños ya no suelen salir tanto al parque por las tardes a divertirse como hacíamos hace unos años atrás, ahora prefieren jugar con la tecnología desde que son demasiado pequeños.

Número de palabras: 166

Título: ¿Niños jugando...?

Autora: Rocío Rubio Gómez

Edad: 15 años **Fecha de nacimiento:** 13/12/2001

Dirección: C/ Piñuelas, 8, 2ºB 10910-Malpartida de Cáceres

Correo electrónico: rocio13malpar@gmail.com

Centro educativo: IESO LOS BARRUECOS

B-25 O arvoredo misterioso LENGUA NO MATERNA

Naquele dia, comecei a ouvir uma voz na minha cabeça. Não sabia de onde vinha aquela voz tão estranha. Que força me empurrava! Comecei a correr, a correr...e aquela voz continuava atrás de mim. Perseguiu-me! Corri, corri...até encontrar uma aldeia no meio dum arvoredos, e não tive dúvidas, tinha que ir até lá!

Uma mulher aproximou-se e começou a falar-me acerca de arvoredos. Ela contou-me que o arvoredos estava encantado e que estava cheio de magia. Ela insistiu e eu aceitei ficar para almoçar e ela contara-me muitas histórias do arvoredos! Mas eu estava perdida no arvoredos e os meus pais estariam preocupados, então pensei seguir o meu caminho. Voltei para casa e falei aos meus pais do arvoredos! Queria conhecê-lo melhor!

Foi a partir do meu sonho que resolvemos viajar e conhecer o arvoredos, conhecer melhor Portugal.

140 palavras

B-25

Título: O arvoredos misterioso

Nome do aluno: Rocío Rubio Gómez

Idade: 15 anos **Data de nascimento:** 13/12/2001

Morada: C/ Piñuelas, 8, 2ºB 10910-Malpartida de Cáceres

Correio eletrónico: rocio13malpar@gmail.com

Nome da Escola: IESO Los Barruecos

B-26 O caminho

Cada pessoa tinha um caminho.

Eu tinha muitos caminhos por onde eu caminhar .Mas eu estou cansada de andar , e não encontrar o meu caminho verdadeiro .

26 palavras

Título: O caminho

Nome da aluna: Fátima Huelga Morán

Idade: 16 anos **Data de nascimento:** 31/01/2001

Morada: C/Almirez, 3

10910 Malpartida de Cáceres

Correio eletrónico: fatima310101@gmail.com

Nome da Escola: IESO Los Barruecos

B-27 Dia cinzento LENGUA NO MATERNA

Uma tarde muito diferente foi aquela em que não havia meninos na estrada, naquele dia em que o sol não brilhava e as aves não voavam. E Eu estava lá! Não sabia o que se estava a passar!

Tudo estava parado e não se escutava nada! Onde estavam as crianças? Não estariam lá porque não havia sol? Mas onde estavam os barcos e as aves? Tudo parecia estranho! Porque ali estava eu, quieta... quieta, parada... no meio daquela praia imensa a pensar nas cartas que me escrevias! Tão quieta como o mar naquele dia misterioso. Eu não sabia se era tudo um sonho ou era a realidade!

Ao longe avistei uma rapariga que se dirigia para o mar, sozinha! Ela vestia um longo vestido branco. Entrou no mar e não voltou a sair.

Era como se sentisse que o mar não devolvia as pessoas.

Todas as pessoas estariam ali? Nem que quisesse comprová-lo, eu estava muito amedrontada, mas eu fiquei ali!

Foi naquela praia que te conheci e foi naquela praia, naquele dia triste que te perdi. Entraste na minha vida de repente naquela tarde de primavera e fizeste-me sorrir, brincar e entender que não existem fronteiras! Mas, naquele dia entraste no mar e nunca mais partilhamos segredos? Espero as tuas cartas como esperei ver-te na praia imensa dos meus sonhos!

Procuro-te nos meus sonhos e voltarei àquela praia, voltarei a Lisboa!
Procurar-te-ei no meio da multidão!!!

237 palavras

B-27

Título: Dia cinzento

Nome do aluno: Carmen García Barra

Idade: 15 anos **Data de nascimento:** 21/11/2001

Morada: C/ Almirez, 2 10910-Malpartida de Cáceres

Correio eletrónico: carmengraciabarra@gmail.com

Nome da Escola: IESO Los Barruecos

B- 28 SORRISOS SOLIDARIOS LENGUA NO MATERNA

Eu sou a Aurora e estou a escrever isto porque acho que é muito importante nos apercebermos da situação que muitas pessoas estão a viver e só há pouca gente que as ajuda.

Esta é a história de como o meu cabelo, que eu tanto adoro, mudou a vida de uma mulher. Então, vamos começar.

Quando eu tinha dez anos, olhava para todas as meninas mais velhas e desejava ter o cabelo delas. Um cabelo longo, liso e loiro, mas desde que era pequena a minha mãe cortava-o sempre pelo ombro e eu detestava. À medida que eu ia crescendo, o meu desejo também aumentava: desejava com todas as minhas forças que o meu cabelo crescesse. O meu cabelo era castanho, não loiro, mas sim era liso, muito liso, só tinha de pintar o meu cabelo.

Um dia, a minha mãe chegou com uma folha a casa.

-O que é isso mãe?- perguntei.

-Olha, minha linda, encontrei-me com a Fátima na igreja. Lembras-te da Maria? A filha dela? Ela participou num concurso para uma loja de roupa e ganhou-o! Agora ela vai fazer campanha com a loja.

-Maravilhoso! Fico muito contente, mãe!

-Sim, mas eu estou a dizer isto, porque vão organizar outro e acho que podes participar- disse a minha mãe com um sorriso.

-Não sei, mãe... Sabes que eu sou muito envergonhada. E, além disso, não acho que o vá poder ganhar, não sou tão gira.

-Tolices! Embora penses isso, eu decidi fazer a tua inscrição! - disse muito alegre.

Nesse momento fiquei transtornada. Eu não gosto destes concursos, porque acho que veem o exterior, não o interior.

-Mãe! Porque é que fizeste isso? Sabes que eu não gosto!

-Tem calma! Eu vou recompensar-te se vais.

-Como? - disse intrigada.

-Eu dei voltas ao que me disseste de pintar o teu cabelo. Acho que é bom que tentes coisas novas, assim, se participas, embora não ganhes, deixo-te pintar o cabelo loiro.

-Sim! Está bem, eu vou participar! Obrigada, mãe!

Já sei. Estarão a dizer, porque é que a minha mãe fez uma coisa como essa. Eu acho que simplesmente ela queria que eu tentasse novas experiências e me sacrificasse por algo que eu queria.

-Aurora! Já tenho os resultados do concurso!- gritou a minha mãe.

-Diz- disse eu não tão entusiasmada.

-Abro o envelope?

-Vamos lá!

A minha mãe abriu o envelope, leu uns minutos e disse seriamente:

-Não foste escolhida, Aurora...

-Não faz mal, mãe. Eu achava que não ia passar, está bem.

Fiquei calada, porque não sabia se era o momento de perguntar pelo meu cabelo. Mas, decidi perguntar:

-Mãe, então, quando é que vamos ao cabeleireiro?

-Ah Aurora, não te esqueces, eh? Eu marquei para esta tarde, podes finalmente pintar o teu cabelo de loiro.

-Muito obrigada!- disse com um sorriso enquanto lhe dava beijinhos.

À tarde, fomos ao cabeleireiro e quando disse que queria pintar o meu cabelo, ficou surpreendido.

-Afinal conseguiste o que querias, não é?- riu- Vou deixar o teu cabelo como o das meninas das histórias que contavas quando eras pequenina.

O Paul (assim se chamava o cabeleireiro) pôs as mãos no cabelo... e boom! Maravilhoso! Fiquei encantada!

Agora o meu cabelo era como eu queria: longo, loiro e liso.

Na manhã seguinte, na escola, todos os meus colegas viam uma menina com o cabelo loiro, que não reconheciam, eles pensavam que nunca a tinham visto, mas estavam enganados.

-É a Aurora!

-Meu Deus, o cabelo dela está maravilhoso!

Todos olhavam para mim e eu não sabia o que fazer ou dizer, só estar agradecida e sorrir.

Desde esse momento, sempre fui reconhecida pelo cabelo, era o que todos adoravam de mim e tinham inveja dele.

Eu adorava o meu cabelo, não pensem o contrário, mas agora vou-vos contar, porque é que com ele, ajudei uma mulher.

Sempre fui uma aluna de 10, estudava o necessário para as exigências da minha escola e chegava sem problemas. Não obstante, este ano mudei de escola, as exigências subiram e já não chegava ao 10. Foi um esforço muito grande e, embora eu estudasse, não conseguia a nota que eu considerava a melhor. Assim foi como apostei comigo mesma que, se chegava ao 8 em História, cortava o cabelo.

Curioso e surpreendente, não é? Sempre esperei e desejei o meu cabelo estivesse daquela forma, e agora achava que o 8 era uma boa ideia para uma mudança na minha vida.

Acham que consegui? Acham que cheguei ao 8?

Cheguei, mas não podia acreditar. E foi quando me lembrei da minha promessa: se tinha um 8, cortava o cabelo.

Duvidava muito sobre o que é que havia de fazer até que...

De repente, uma ideia repetia vezes sem fim na minha cabeça: podia doá-lo?

Esta ideia foi a melhor que tive e pus-me a pesquisar. A medida mínima para doar era de 20 centímetros. Que barbaridade! Mas estava decidida, por isso pedi à minha mãe para telefonar ao Paul.

-Pequena Aurora, vais cortar o teu cabelo? Não acredito! -gritou o Paul.

-É por uma boa causa Paul- disse a minha mãe.

-Sim, eu vou doá-lo para que façam perucas para as mulheres com cancro.

Nesse momento uma mulher que estava sentada ao meu lado, virou-se e disse:

-Ah menina, não sabes a alegria que me dá ouvir isso. As pessoas, que têm cancro, perdem o seu cabelo pelo tratamento, mas nós podemos ajudá-las e fazer com que a sua doença seja um bocado menos dolorosa.

Oxalá haja mais gente como tu e continue a aumentar o número de meninas que doam o cabelo. Eu tenho uma sobrinha Margarida que está a começar a perder o seu cabelo. Ela tem 8 anos, está doente e anda sempre com um sorriso na cara, é maravilhoso vê-la assim. Não sabes o que o teu gesto significa para ela e para as outras pessoas que estão a passar pela mesma situação.

Esta é a minha história, a história da minha futura peruca para a Margarida , uma história real.

B-28

Sorrisos solidários (1000 palabras)

Beatriz Ramos Amo. 16 años.

C/Manuel Saavedra Martínez, Nº5, P-3, 4ºA. 06006, Badajoz.

Correo: beara2206@gmail.com

IES San Fernando. Badajoz.

B-29

Tú eras el mejor LENGUA NO MATERNA

Tú eras el mejor, el mejor en todo lo que hacías, eras el mejor cocinero de la ciudad, el mejor amigo que alguien podía tener, siempre ayudabas a tus amigos, pero cuando te fuiste todo cambió.

Cuando te fuiste Don Juan, tu jefe, intentó remplazarte, pero ninguno era tan bueno como tú. Al final tuvo que cerrar el restaurante porque no ganaba dinero. Ahora está viviendo en la calle... tiene frío, tiene miedo y hambre, también espera que algún día pueda volver a probar uno de tus platos, ¡qué pena me da!

Carmen ya no tiene con quien hablar, era tu mejor amiga, le tenías mucho cariño, siempre que charlabais ella te contaba sus cosas, sus proyectos, sus metas y tú la escuchabas, siempre con aquella sonrisa y simpatía, le dabas tu opinión y tus consejos... ahora que te fuiste ella ya no tiene con quien hablar, en realidad está muy afectada. Casi no sale de casa. Cuando la veo por la calle la veo muy deprimida y triste.

Carlos, tu mejor amigo, ha sido el que más ha sufrido con tu ida, se encerró en tu casa llorando, estuvo dos meses viviendo allí. Solo a veces iba a la suya, no sé bien lo que hacía en tu casa, solo sé que lloraba, sus ojos siempre estaban rojos de tanto llorar. Cuando lo veía siempre le preguntaba si había estado llorando. Él me decía que no, pero era demasiado evidente.

Con el tiempo sufrió de alzhéimer. Me daba mucha pena ver las cosas que hacía. Cuando iba a cazar mariposas siempre llevaba dos redes. Yo le preguntaba para quien era la otra y él me contestaba que era para ti. Nunca supe que responder, me callaba y me iba con una sensación de vacío en el cuerpo.

Siempre fui una persona mala contigo, tú eras alegre divertido, simpático y, yo, era cruel. Siempre quería que algo malo te ocurriera. Cuando tú estabas mal yo estaba bien, no soportaba tus gritos tus tonterías y tus juegos. Yo pensaba que eras de lo peor, ¡pero ahora me arrepiento! Fui muy malo contigo, ¡me odio a mí mismo!

¿Sabes?, todos te echamos de menos, Don Juan, Carlos, Carmen, incluso yo te echo de menos, echo de menos lo que decías cuando ibas a trabajar, echo de menos tu “¡Listo para el trabajo!”, cuando me preguntabas que si quería ir a cazar mariposas contigo y con Carlos, cosas que antes me daban rabia ¡ahora las echo de menos!

Las cosas están muy tranquilas por el barrio desde el día en que te fuiste. Al principio me alegré porque por fin tenía paz y tranquilidad, pero ahora

veo que estaba equivocado. Cuando miro a tu casa desde mi ventana tengo una sensación de vacío, de tristeza, de agonía y depresión, siento que no estoy vivo, siento como si el mundo ya no tuviera sentido, como que perdí las ganas de vivir, el mundo ya no tiene color para mí. Desde el día en que te fuiste empecé a ver el mundo en blanco y negro, todo era en blanco y negro... todo menos una foto. Una foto en la que salgo yo, tú, Carlos, Carmen y Don Juan. Esa foto era la única cosa que veía en color. Se puede decir que me quitaste el color del mundo.

Hace una semana yo y Carmen fuimos a tu casa para ver que hacía Carlos. Él estaba sentado en tu sofá viendo tu película favorita. Nos sentamos a su lado. Cuando terminó la película, miramos a Carlos, el había cerrado los ojos. Fue a buscarte al más allá.

Al final lo enterramos junto a tu tumba.

B-29

Título: Tú eras el mejor

Número de palabras: 615

Nome: Tiago Nanita Galo/Pseudónimo: Fernando Gomes

Endereço Postal: Praceta de Macau, nº11, 7370-023,

Campo Maior

Correio Eletrónico: tyagogalo@gmail.com

Nome da escola: Escola secundária do Agrupamento de escolas de Campo Maior

B- 30 La justicia del destino.

Si alguien hubiera conocido a la pequeña Julia con cinco años, no se imaginaría como es la “pequeña” ahora, con treinta y cinco. Nació en África, bajo costumbres machistas y opresoras hacia la mujer, vivía con sus padres y sus otros cuatro hermanos; no la dejaban ir al colegio debido a que era del sexo femenino. Su vida cambió un día que, en uno de los folletines que su padre leía, vio una noticia que decía “Libran a un hombre de la cárcel después de maltratar 3 años a su mujer” bajo el título ponía “La jueza fue muy injusta con la víctima, ya que consideró a sus testigos no fiables”. En ese momento, con tan solo siete años, tuvo claro lo que algún día quería ser: Juez. Además, Julia tenía un gran talento para la escritura, sin embargo, su condición de mujer no le era muy favorable, y, aunque recibía el apoyo de su familia, la sociedad no era tan benevolente, por lo tanto, debía publicar bajo un seudónimo. La pequeña niña publicó un libro y viajó bastante por su país, debido a que tuvo bastante éxito; reconocieron tanto su trabajo que a los doce años la hicieron una prueba para acceder a un Instituto de Secundaria y empezar a cursar en él. Aunque parezca mentira, pasó el examen, ya que llevaba toda la vida estudiando en casa a escondidas los libros y apuntes de sus hermanos.

A los quince años terminó lo que sería el 4º curso de secundaria en España, y empezó su bachillerato, porque su sueño seguía ahí, presente, e iba a cumplirlo.

Fue duro, tuvo que irse interna a estudiar, pero estaba segura de que merecería la pena algún día.

Pasaron los dos años de bachillerato, fueron difíciles, hubo agobios, pero lo consiguió, finalmente, a sus diecisiete años, la chica que no consiguió estudiar hasta los doce, consiguió su título y accedió a la “Semera Health College”, una de las universidades más importantes de África, ya que obtuvo una nota maravillosa. Empezó a estudiar derecho, pero ahora sí podía ir a visitar a sus padres más a menudo, de este modo, ella se sentía más animada y atendía mejor a sus obligaciones. Compartió piso con una chica de Marrakech (Marruecos) y un chico de Ciudad del Cabo (Sudáfrica), y estuvieron los tres juntos los años que duró la carrera, y entre Julia y Sara (la chica con la que compartía piso) había una conexión especial, se parecían más de lo normal y, hablando, se dieron cuenta de que tenían muchas cosas en común, ya que Sara sufrió en su propia piel la violencia machista, y cuando denunció, simplemente le pusieron al agresor una orden de alejamiento y nada más. Después de eso, se dijo a sí misma: “debes impedir que esto siga pasando, hay que empezar a luchar por la igualdad”.

El sentimiento de ‘feeling’ era mutuo, pero ninguna se atrevía a dar el paso, hasta que un día, Julia, dejó el cuaderno donde escribía encima de la mesa, abierto por una hoja en la que se leía una frase que decía: “Y siempre que abres la puerta, alumbras con tus ojos verdes la entrada y no puedo evitar no mirar tus labios combinados con el color de tu piel, querida Sara, eres tan sensacional...”

Sara se quedó con el nudo en el estómago, y poco después, Julia llegó de sus clases de inglés y se encontró a Sara con su cuaderno en las manos, sonrojada, bajó la cabeza, a lo que su compañera dijo ‘tranquila, si no hubiera sido por este bloc de notas con tus escritos, nunca me atrevería a

dar el paso para esto...' y la besó. El último año de carrera era decisivo en sus futuros, ya que debían separarse y considerarse romper su relación, y de hecho lo hicieron porque estaban convencidas de que era imposible, aunque con mucha pesadumbre, Sara iba a seguir con su sueño en Estados Unidos, y nuestra pequeña, aunque ya grande niña, seguiría en su país luchando contra el machismo.

Años después, con treinta y tres años, y con más de 100 casos resueltos como abogada de violencia de género, la Secretaria General Adjunta de las Naciones Unidas y Directora Ejecutiva de ONU Mujeres, se puso en contacto con ella y le propuso ser embajadora de la Organización de las Naciones Unidas en defensa de las mujeres, y así seguir con su misión de suprimir el machismo y conseguir que las mujeres logran ser libres. Julia aceptó con mucho orgullo, y se trasladó a Nueva York para estar más cerca de la sede oficial, se despidió de su familia y se fue a perseguir lo que siempre quiso, liberar a las mujeres de la opresión a la que aún se las somete. Lo que no se imaginaba era que un día por la gran ciudad, el destino iba a poner a Sara en sus calles. Al verla, corrió hacia ella, empezaron a contarse todas sus historias, hacía años que no se veían, y no habían tenido mucho contacto; pasaron los días, los meses, y los sentimientos pasados no consiguieron borrarse, lo que llevó a retomar esa relación que rompió el caprichoso destino que ahora las había vuelto a poner en el mismo camino. Hoy, dos años después, Julia está preparando su boda, ya que en EEUU está permitido el matrimonio entre personas del mismo sexo. Y ahora, con treinta y cinco años, ha conseguido un cuarto de todo lo que la queda para cumplir ese deseo de ser juez, pero ¿quién dijo que era imposible?

Título: La justicia del destino / A justiça do destino.

Número de palabras relato castellano: 931.

Número de palabras relato portugués: 913.

Nombre del concursante: Lucía Masa Pastor.

Edad: 16

Dirección postal: Avda Constitución Nº11 Castilblanco (Badajoz)

Email y nombre del profesor: Pilar Cano García pilkano81@hotmail.com

Email y nombre del centro educativo: Instituto de Educación Secundaria Benazaire ies.benazaire@edu.gobex.es

B-30

Título: La justicia del destino / A justiça do destino.

Número de palabras relato castellano: 931.

Número de palabras relato portugués: 913.

Nombre del concursante: Lucía Masa Pastor.

Edad: 16

Dirección postal: Avda Constitución Nº11 Castilblanco (Badajoz)

Email y nombre del profesor: Pilar Cano García pilkano81@hotmail.com

Email y nombre del centro educativo: Instituto de Educación Secundaria Benazaire ies.benazaire@edu.gobex.es

SEXTO CALSIFICADO

B-31 A justiça do destino. LENGUA NO MATERNA

Se alguém tivesse conhecido a pequena Julia com 5 anos nem se imaginaria como é que é a pequena agora, com trinta e cinco.

Nasceu em África com costumes machistas e opressoras em direção a mulher, vivia com os seus pais e os seus 4 irmãos; não deixavão que ela fosse a escola por ser de sexo femenino.

A sua vida mudou um dia que num dos papéis que o seu pai lía, viu uma notícia que dizia “Tirão um homem da prisão depois de maltratar 3 anos a sua mulher” debaixo do título punha “A juíza foi muito injusta com a vítima, que considerou que as suas testemunhas não erão de confiança. Nesse momento com tãs só 7 anos teve clara a idea do que un día queria chegar a ser: juíza.

Aliás, Julia tinha um grande talento para a escritura, mas, a sua condição de ser mulher no era muito favorável, e, apesar de receber apoio familiar, a sociedade nao era tao benevolente, por isso, tinha que publicar aquilo baixo anonimato.

A pequena rapariga publico um livro e fez bastantes viagens pelo seu país, devido ao seu grande éxito; recomhecerão tanto o seu trabalho que aos doze anos fizerão uma prova de acesso a escola secundária secundária para começar a estudar alí. Apesar de que parece ser mentira, aprovou o exame, graças a que levava toda a sua vida a estudar em casa as escondidas os livros e os apontamentos dos seus irmãos.

As quinze anos acabó o décimo ano y começou a fazer o décimo primeiro e décimo segundo porque seu sonho continuava ahi, presente e ela ia cumprir esse sonho.

Foi duro, teve que ir para um internado estudar, mas tinha a certeza que merecia a pena.

Pasarão os dois de décimo primeiro e décimo segundo, forão difíceis; houverão chatiças, mas finalmente, ela conseguiu, com dezasete anos, a rapariga que não conseguiu estudar até aos 12 anos, conseguiu seu título e acedeu a “Semera Health College” uma das universidades mais importantes de África, a custa da sua obtenção de notas maravilhosas. Començou a estudar direito, mas agora sim que podia visitar os seus pais habitualmente, de este modo, ela sentia se mais animada e prestava mais atenção às suas obrigações.

Dividuo casa com uma rapariga de Marrakech (Marrocos) e un rapaz de Cidade do Cabo (África do sul) e estiverão os tres juntos os anos que durou a carreira, e entre a Julia e Sara (a rapariga com a que dividia casa) havia uma conexão especial, erão parecidas mais do normal e, falando, aperceberão-se de que tinham muitas coisas em común, porque a Sara sofreu violencia de genero na sua propia pel, e cuando fez a denuncia, simplesmente puserão al agressor uma ordem de afastamento e nada mais.

Depois disso, disse pra si mesma: “Tens que impedir que isto continue acontecer, tem que começar a lutar pela igualdade”.

O sentimento de “feeling” era mutuo, mas nenhuma se atreveu a dar o passo, até que um dia, Julia deixou o caderno onde escrevia encima da mesa, aberto por uma folha na que se lia uma frase que dizia “E sempre que abres a porta, iluminas a entrada com os teus olhos verdes a entrada e não posso evitar não olhar os teus lábios combinados com a cor da tua pele, querida Sara, é tão sensacional...”

Sara ficou com um nó no estômago, e pouco depois, Julia chegou das aulas de inglês e encontrou-se com o seu caderno nas mãos, avergonhada, baixou a cabeça, ao que a sua companheira disse “tranquila, se não tivesse sido por este bloco de notas escrito, nunca me atreveria a dar o passo para isto” e deu-lhe um beijo.

O último ano de carreira era decisivo nos seus futuros e tinham que separar-se e acabar a sua relação e de fato fizeram isso porque estavam convencidas de que era impossível, ainda assim com muito esforço, Sara ia continuar o seu sonho em Estados Unidos, e a moça pequena, ainda assim grande rapariga, continuaria no seu país lutando contra o machismo. Anos depois, com 33 anos, e com mais de cem casos resolvidos como advogada de violência de género, a Secretária Geral Adjunta das Nações Unidas e Diretora Executiva de ONU Mulheres, pôs-se em contacto com ela e fez a proposta de ser embaixadora da organização das Nações Unidas em defesa das mulheres, e assim seguir com a sua missão de suprimir o machismo e conseguir que as mulheres sejam livres. Julia aceitou com muito orgulho, e mudou-se a Nova Iorque para estar mais perto da sede oficial, despediu-se da família e foi perseguir o que sempre quis, livrar as mulheres da opressão a que estão submetidas.

O que não imaginava era que um dia pela grande cidade, o destino ia por a Sara nas suas ruas. Ao vê-la, correu na sua direção, e começaram a contar as suas histórias, fazia anos que não se viam e não tinham tido muito contacto; passaram os dias, os meses, e os sentimentos passados não se apagaram, o que levou a retomar essa relação que rompeu o caprichoso destino que agora pôs elas no mesmo caminho.

Hoje, dois anos depois, Julia está a preparar o seu casamento, porque nos EE.UU o matrimónio entre duas pessoas do mesmo sexo está permitido.

E agora, com trinta e cinco anos, conseguiu um cuarto de tudo o que falta para cumprir esse desejo de ser juíza, mas, Quem disse que era impossível?

Título: La justicia del destino / A justiça do destino.

Número de palabras relato castellano: 931.

Número de palabras relato portugués: 913.

Nombre del concursante: Lucía Masa Pastor.

Edad: 16

Dirección postal: Avda Constitución Nº11 Castilblanco (Badajoz)

Email y nombre del profesor: Pilar Cano García pilkano81@hotmail.com

Email y nombre del centro educativo: Instituto de Educación Secundaria Benazaire ies.benazaire@edu.gobex.es

B-32 La hermosa ella

Si alguien me preguntase alguna vez quien es la persona más hermosa para mí lo tendría claro sería ella, ella es fuerte, amable, tímida, alegre. Tiene unos hermosos ojos azules cristalinos que congela a cualquiera que los mira es como mi reina del hielo, yo mataría a cualquiera que hiciese brotar lágrimas de esos hermosos ojos. Ni que decir tiene esos hermosos labios rojos pero no debido al maquillaje si no a su tono natural y cuando sonrío y se le marcan esos hoyuelos llena mi mundo de color, es... algo inexplicable. También está su hermoso cabello lila que deja caer sobre sus hombros y que amo observar cuando lo coloca detrás de su oreja y deja ver sus pendientes un tanto frikis. Su piel morena y llena de pecas... es que tooodoooo de ella es tan hermoso que podría enloquecer y si escuchaseis esa voz angelical al cantar enloqueceríais como yo. Perdonadme si digo hermosa muchas veces pero es que todo lo que digo de ella se queda corto.

Puede que os estéis preguntando que quien soy yo para hablar así de ella, que derechos tengo, si soy un/a acosador/a y muchas preguntas más, en realidad... es mucho más triste que eso...solo soy su...mejor amiga, n-no podéis imaginar lo que duele estar siempre tan cerca de ella y solo le diga "Te quiero" como una simple amiga y que no pueda decirle todo lo que os estoy contando, pero aún así, aunque duela, seguiré con ella, hasta que ella deje de necesitarme o yo deje de necesitarla a ella y sé que suena estúpido pero aunque yo también lo piense es lo que tiene el amor, no siempre es correspondido.

B-32

-Título: La hermosa ella.

-Número de palabras: 281.

-Nombre: Eva María García Fagúndez.

-Dirección postal: Calle la Gaviota Nº 4, 2º Código postal: 06008.

-Email: Evamaria.garciafagundez@gmail.com

-Nombre del centro: I.E.S Reino Aftasí.

B-33 AMOR ENTRE FRONTERAS

Érase una vez..., bueno mejor lo cambio porque suena muy típico. Comencemos con otra cosa algo más inusual. Era una mañana de Agosto de 1492, una mañana espléndida en la orilla de un río, un río compartido por dos almas y a la vez por dos personas. Dos personas que no se conocían, pero que a la vez estaban destinadas a terminar juntas en algún momento de sus vidas. Esas dos almas eran España y Portugal. Dos países que habían pasado una historia tras otra juntos, y a pesar de algunas diferencias y discrepancias nunca habrían perdido tal buena relación. Y bueno, que me pierdo en los laureles, empecemos con lo bueno de la historia y con lo que todos quieren saber. ¿Quiénes son esas dos personas, o querría decir chicos que estaban tan destinados a estar juntos?

Pues empecemos por el chico. Este joven, llamado Juan, era un niño de 15 años con unos profundos ojos marrones, un cabello negro como el carbón y una gran sonrisa que mostraba a todo el mundo. Era un joven un tanto humilde pero que en el fondo, tenía un corazón lleno de afán por la aventura. Por la otra parte, a la otra orilla del río y de la frontera, se encontraba una muchacha de 15 años llamada Llena de ojos marrones claros como la luz, un pelo castaño brillante y una sonrisa que le alegraría el día a cualquiera. Era un niña con un gran corazón y una mente brillante. Ella vivía en una casa peculiar, era hija de un importante capitán de barco a cargo de la mismísima Santa María, el barco que zarparía hacia la futura américa.

El padre de Juan era uno de los marineros de dicho barco, que se dirigía hacia el puerto de Palos, desde donde zarparía para la expedición. Juan, como siempre, lo acompañaría en un pequeño carro tirado por un caballo. Y llegado al puerto, el momento que estábamos esperando ocurrió de repente, Juan vio a Llena, que se encontraba sentada en una mesa en un balcón junto a su mayordomo, que cuidaría de ella mientras su padre estaba de viaje. Juan, con una cara de asombro, se acercaba a intentar saludar a esta joven. Esta de inhóspito se levantó y se dispuso a dirigirse a su hospedaje en un impresionante carronato tirado por dos caballos blancos brillantes e imponentes. De camino al carruaje, a ella se le calló un

broche que llevaba colgado del pelo, un broche con el escudo de su familia, bordado en seda y adornado con oro. Juan corrió a recogerlo pero no llegó a tiempo para dárselo antes de que partiera. Así que decidió llevárselo a su casa.

Esa noche, Juan apareció en la puerta del palacio a la espera de una oportunidad para colarse y darle el broche a su amada. El palacio estaba custodiado por dos guardias en la puerta y uno en cada lado entre la verja y el palacio. Tubo una idea: intentar entrar por una esquina y cuando hubo llegado el guardia esconderse entre las ramas e intentar ocultarse gracias a la oscuridad.

Corriendo se dirigió a una de las esquinas y cuando el guardia de ese lado hubo dejado su posición se dispuso a escalar la imponente valla de dos metros y medio. Con suerte la verja contaba con unos huecos en forma de octógono que le permitían apoyar el pie y escalar sin mucho esfuerzo. Rápidamente Juan se escondió en los matorrales y aprovechando la oscuridad y el color oscuro del matorral, pasó desapercibido sin mucha dificultad. Haciendo eso varias veces fue avanzando hasta llegar al patio de atrás, que se encontraba sin ninguna vigilancia.

La ventana central daba a la habitación de Ilena, que contaba con unas maravillosas vistas a un jardín completísimo. Todo ello disfrutado desde un balcón adornado con el escudo familiar en el centro.

Juan decidió tirar piedrecitas a la puerta de cristal del balcón para que de una manera silenciosa, Ilena se dirigiera a mirar hacia fuera. Juan de repente admiró en la oscuridad que una cabecita se asomaba por el balcón. Con ella traía un farolillo que le permitió verlo. Juan, en un tono bajito intentó decirle que le traía el broche que se le había caído. En ese momento corrió a su vestido y vio que no estaba. Rápidamente le dijo a Juan que subiera por una enredadera que había a un lado del balcón. Habiendo subido Juan le mostró el broche y se lo entregó. Y con una expresión de gran agradecimiento abrazó a Juan. En ese momento, Ilena miró Juan, que con una mirada profunda de amor la quedó enamorada.

Ella le invitó a pasar en silencio ya que si lo descubrían ahí no sabría como explicarlo. Esta le preguntó a Juan que quien era, y este le dijo que era el hijo de José Carlos, un marinero de el barco de su padre. Ilena no paraba de mirar a Juan con cara de abobada y Juan se dio cuenta por lo que después de un rato hablando, decidió lanzarse y robarle un beso. Ella se puso colorada y Juan, viendo que se había hecho tarde decidió marcharse. Llegado al hospedaje donde se alojaba con su padre, lo primero que hizo fue echarse a dormir. Durante toda la noche no paró de pensar en Ilena y ella tampoco pudo dormir pensando en él.

A la mañana siguiente se dirigieron padre e hijo hacia la escalerilla para subir al barco y allí estaban Ilena y su padre esperando. Ella le había contado lo que había hecho Juan por ella y por traerle el broche y este decidió ascender a su padre a Contramaestre del barco. Ilena también por su parte invitó a Juan a quedarse con ella en el palacio mientras durara el viaje.

Desde ese momento Juan iba cada cierto tiempo a visitar a Ilena y al final terminaron casándose y siendo muy felices junto a sus hijos, llamados Joao, Alejandro y María.

B-33

Amor entre fronteras

999 palabras

Juan Francisco Moreno Palomo

15 años

Residencial los Olivos Chalet 39

Las Vaguadas Badajoz

asunparo@gmail.com

Colegio Ntra Sra del Carmen Maristas Badajoz

B- 34 La felicidad nos hace gobernar

Un día de verano, llegó a las fronteras de España y Portugal por la zona de Olivenza, un extraterrestre de un planeta llamado Alendura. Llegó a una zona extensa de árboles, plantas, y donde no había humanos. A priori pensó, que las plantas eran las dueñas del planeta. Las veía tan felices, comían, se reproducían y morían tranquilamente sin que nadie les molestase, al igual que los bonitos animales que pasaban por allí. Esos lindos pájaros libre de cualquier ataque, aquellas ardillas o conejos que corrían por los caminos... parecía un mundo fantástico. -pensó a primera vista.

Pasaban los días disfrutando de las plantas y los animales que veía por aquellas zonas. Todos los días caminaba sin parar en busca de nuevas asombrosas aventuras que le deparase el camino. Caminaba y veía árboles, de diferente color de hojas, unos más altos que otros, pero lo que todos tenían en común, es que eran felices.

Un día, llegó a un prado en el que había millones de plantas iguales. No lograba ver el final de aquel inmenso terreno. Y de repente, vio a lo lejos "algo" que se movía. Tenía curiosidad, y se acercó a ver que era, pero camuflado, a ver si iba a ser algo peligroso.

Ya cerca, pudo fijarse de que era otra especie que no había visto nunca, y estuvo observándola durante mucho tiempo. Andaba a dos patas, que raro. -pensó. Tenía la columna vertebral doblada y tocaba las plantas y añadiendo semillas a la tierra. Tenía una cara de sufrimiento, con sudor por toda la frente.

-Ahora lo entiendo todo.-Se dijo para sí mismo.-Las plantas son las gobernadoras del mundo. Él, trabaja a su servicio. Las plantas son felices, y él no.

Le pareció muy curioso lo que estaba viendo, así que lo estuvo observando durante todo el día. Después de estar una hora sirviendo a las plantas, estas le dejaron marchar, y el extraterrestre lo siguió. Llegó a un lugar donde había muchas casas muy extrañas, muy altas y con muchos animales como él andando a dos patas por la calle de diferentes tamaños. Lo que más le

impresionó fue ver unos extraños carruajes que se movían solos, sin ayuda de caballos o burros y que dentro iban ellos, los animales.

Lo siguió y entro a través de una puerta en una casa, y comprendió, que eran una sociedad, que podían comunicarse y que todos era esclavos. Se llamaban entre sí personas, aunque cada uno llamaba a otro de diferente manera. Al anochecer, el extraterrestre anduvo por las calles mirando impresionado todo lo que veía y entró en un lugar donde había mucha ropa y pelo de mentira. Se puso una camiseta, unos pantalones y pelo artificial en la cabeza para hacerse pasar por una persona.

Al día siguiente, lo único que hizo fue andar por la calle, viendo como había personas pequeñas atacándose, cómo personas grandes andaban muy rápido con cara de preocupación hablando a través de una pantalla y ahora afirmó su teoría, las personas eran las esclavas del mundo aunque parecían que podían pensar, comunicarse y tener muchas cosas, siempre iban enfadadas, tristes o preocupadas. Pocas veces vio caras con una sonrisa, y las que vio, eran de personas pequeñas, que supuso que eran libres aún.

-Veo a perros que llevan un collar y detrás llevan a sus personas agarradas a la cuerda para que no se pierdan. Veo personas cortándole las puntas a los arbustos. Pobrecitos, me dan pena.

Y decidió adentrarse en el mundo ese. Vio a una personita pequeña por la calle y le dijo que si quería jugar con él, la niña iba contenta, porque todavía era libre. Ella le dijo que sí, y fueron a un lugar donde había muchos "niños", como decía ella jugando a la pelota, con una cuerda, tirándose por un tubo. No parecía tan malo. Y se pusieron a jugar. Llevaban ya tres horas jugando cuando vino "mamá"(según la niña se llama así) y le dijo que se tenía que ir a casa, que era muy tarde; pero la niña no se quería ir, se lo estaba pasando muy bien con su nuevo amigo. Ella le preguntó a mamá que si se podía ir con ellas su nuevo amigo, pero a la madre no le pareció muy buena idea y fue a hablar con él.

-¿Y tú mamá?- le preguntó la madre al extraterrestre?

-¿Qué es eso?- respondió el extraterrestre.

-Vaya, comprendo, vente con nosotras, te daremos de cenar y podrás dormir en mi casa. -dijo la madre.

Y así prosiguió la noche, cenaron en su casa y se durmieron todos. Al día siguiente, se levantaron todos corriendo, y los padres se fueron de casa, la niña se hizo el desayuno, se vistió, se peinó y se fue rápido a algún sitio. El extraterrestre no sabía qué hacer y salió a dar un paseo. A la hora de comer, regresó a casa y les preguntó a los padres de las niñas que por qué trabajaban para las plantas, si ellos podían hacer más cosas que ellas y se podían comunicar. Los padres, frente a esa pregunta se dieron cuenta de que no era un niño corriente, pero no dijeron nada y se quedaron sorprendidos frente a aquella extraña pregunta.

-Si no es así, ¿por qué las plantas son felices y vosotros no?

B- 34La felicidad nos hace gobernar

894 palabras

Pilar Albarrán Villalón, 15 años

06004, Badajoz.

palbvil@santoangelbadajoz.es

Colegio Santo Ángel de la Guarda

SEGUNDO CLASIFICADO

PRIMER PREMIO LENGUA NO MATERNA 1 IPHONE 5S

B-35 A alegria de viver Capítulo 1 LENGUA NO MATERNA

16 de Setembro de 2016, Madrid

Quanto tempo, não é?

Já começa a escola, já volto a ver os meus companheiros novamente. Não tenho palavras para descrever a emoção que sinto neste dia. É necessário que sejas eu para o compreender.

Isto não é uma asneira das minhas como as que dizia quando estava no ensino primário... A única razão da minha alegria é, simplesmente, viver, como tu. Se não tivesse esse sentimento, estaria um morta por dentro.

Porém, nestes últimos tempos não tenho tido inúmeras alegrias e festas como as que tive no ano passado num acampamento da escola. Logo que estiver recuperada, voltarei...

A vida, às vezes, dá-te lições para que saibas o curta que é e que a deverias aproveitar o máximo possível sempre que puderes. Neste tempo, no qual vivemos, demoramos pouco tempo a pensar no importante que são a família, os amigos ..., em resumo, a tua gente. Oxalá seja a razão do nosso stress.

Isso foi o que aprendi no passado mês de Março, quando vi a vida passar num instante.

Porém, isto agora não é essencial. O assunto é que estarás comigo em breve e que estou em pulgas de te ver. Quando vamos combinar para te apanhar da estação de comboio no sábado da próxima semana?, pode ser quando e como quiseres.

Beijinhos,

Maite

18 de Setembro de 2016, Elvas

Cara Maite,

Maite, tenho dúvidas com o que estás a dizer.

Seja o que for, eu achava que ficavas bem, feliz e contente com a tua família no teu prédio. Normalmente, telefonava à tua mãe para saber de ti duas vezes por mês e sempre dizia que estavas ocupada ou fora de casa com os teus parceiros. Portanto, cria que não tinhas problema nenhum e que não tinha acontecido nada estranho no teu dia a dia. Fui enganado pela tua mãe. Portanto, gostaria de que mo contasses. Se eu fosse a ti, não guardaria os meus segredos.

Aliás, quero que me expliques o porquê desta primeira carta. A mensagem da carta sobre o importante que a vida é, fez-me refletir sobre se, ultimamente, tenho percibido algum facto fora do comum quando falava com a tua mãe.

Infelizmente, tenho de me despedir já, mas, se pudesse, escrever-te-ia mais. O problema é que tenho treino com a minha equipa. Contudo, isto não pode ficar em águas de bacalhau. Então, adeus.

Até a próxima,

Marcos

P.S.: Não vejo a hora de te ver.

27 de Novembro de 2017, Madrid.

Caro Marco,

Eu já li a tua carta e prometo-te que um dia vamos combinar num lugar para falarmos nisso, onde quer que seja; não tenho problema nenhum.

Todas as vezes que puder, tentarei continuar esta troca de e-mails. Porém, só vai ser possível de quando em vez porque há bocadinho deu-me um fanico e agora estou com o tratamento para me recuperar e voltar a normalidade assim que estiver sã novamente.

Quando voltarmos a estar juntos de novo, juro-te que te darei um presente muito especial. Vais ver vais, ficarás mesmo maravilhado.

Até breve,

Maite

Depois de esta última mensagem, a situação da Maite mudou totalmente. Nada voltou a ser o mesmo. A sua doença, um cancro, avançou com rapidez por todo o seu corpo como se não existisse um amanhã. A Maite empiorava de cada vez mais e, o mais surpreendente é que nem ela nem a sua família reparou nos sintomas da doença.

Ela foi imensamente feliz até quase o final da sua existência. Dava giros com os amigos continuamente e isto fez que se esquecesse de se comunicar com o colega. Se tivesse feito o oposto, a história teria tido um fim totalmente diferente. Talvez o próprio Marcos não teria reparado na verdadeira importância da vida, o “Carpe diem” que o mundo todo ambiciona.

Capítulo 2

-Estou?

-Olá! Sou a Maria, a mãe da Maite. É a casa do Marcos?

- É o próprio. Olá! Tudo bem?
- Pronto, ... Poderia ir melhor --com um tom sério.
- O que se passa?
- Nada... Bom, acho melhor que te diga já o motivo do telefonema sem papas na língua --com tom dubitativo.
- O que se passa para que esteja tão indecisa?
- Ela não queria que to dissesse. Isto é que tens de vir cá assim que puderes. Ela está muito grave no hospital.
- De que?
- Da doença que ninguém quer falar, do cancro.



Depois da última palavra, da palavra mais importante. Depois de a ouvir, seguiram-se momentos de incredulidade. A comunicação parou-se e mais ninguém voltou a falar.

Continuas perguntas chegaram ao cérebro do Marco como se fosse uma chuva de ideias. A diferença é que esta vez é de incerteza. “Como não me disse nada? O que é que fiz mal? Estará bem? Chegarei a tempo para a ver?”

Capítulo 3

O Marcos chegou a tempo ao hospital. Ali teve o lugar o maior acontecimento da curta vida do Marcos. Ele só tinha dezanove anos e uma cara que parecia um menino de seis. Também era baixo, com os seus rasgos todos parecia mesmo um bebé. Era a primeira vez que se viam e a única, infelizmente.

Nesta conversa, o Marco sofreu muito porque não teve tempo de nem sequer conhecer a pessoa fisicamente e não só por correio. Por outro lado, segundo a filosofia de vida da Maite, ele aprendeu uma lição importantíssima.



- Lembraste de que ias receber um presente muito especial, não é?
- Como podes dizer isso agora?
- Porque o sol tem de estar na tua cabeça e é importantíssimo que saibas voar nesta vida.

- O que queres dizer?
- Compreenderás tudo assim que abrires isto quando eu morrer.

Dez horas depois, chegou a hora de o abrir. Dentro havia uma flor com algumas sementes. Tinha uma mensagem ao lado.

Por muitas vezes que a flor morrer sempre haverá sementes, sempre haverá um céu por voar. Desfruta-o!

B-35

Título de la obra: A alegria de viver

Nº de palabras: 988

Nombre del concursante: José Antonio Gordillo González

Edad: 15 años

Email: joseagordillo2001@gmail.com

Centro educativo: Colegio Santo Tomás de Aquino

TERCER CLASIFICADO

B-36 HERMOSA CICATRIZ

El primer amor nunca se olvida. Cada persona lo recuerda de una manera y cada cual tiene su versión de la historia.

¿Qué es el amor?

Para unos es el olvido, para otros el rechazo, la esperanza, la salvación o un sueño.

Hay amores de un segundo y amores de toda una vida. Amores imposibles y otros tan fáciles que no se aprecian a simple vista. Amigos que se enamoran, desconocidos que se alimentan de pasión, adultos que buscan sensación de comodidad, y otros que no se conforman. Existen personas exigentes y personas que se conforman con todo y con nada. Amores de libros y de películas y otros tan bonitos como en la vida real. Hay amores para todo tipo de personas y personas para todo tipo de amores.

Pero hay amores que, simplemente, te dan la vida.

Desde que puedo recordar he soñado con mi chico perfecto. El tiempo pasaba y ese ideal cambió con los años hasta distorsionarse por completo la idea original. La mayoría de mis amigas aún no tenían novio, muchas ni habían dado un beso, pero otras comentaban lo maravilloso que era tener una persona con la que pasar el rato, cuidarse mutuamente...

La manera en que yo concebía el amor era de libros, películas y lo que mis amigas me contaban - casi siempre adornado sin nada que ver con lo que era en la realidad.

Yo era una adolescente rebelde cuando conocí a Colton Smiths.

Cuando digo que era rebelde me refiero a que hacía las cosas a mi modo, lo

dejaba todo para el último día y no permitía que nadie ejerciera control sobre mí. Yo quería ser libre.

Por eso Colton me gustó con tanta facilidad, porque me hacía flotar. Cuando estaba con él podía volar, realmente podía. Pero me di cuenta de que estaba en una jaula.

Todo comenzó como una simple tentación; no se me iba de la cabeza. Amigas mías me advertían "No caigas, Anna. No te dejes atrapar" pero otras me decían con aire divertido - y algo celosas de que él me prestara atención - "Como dijo Oscar Wilde... *La mejor manera de librarse de una tentación es caer en ella*".

Colton era verdaderamente irresistible. Tenía *esa* mirada de chico torturado que pretendía hacerse el fuerte y llevaba escrita en la frente con rotulador permanente y en mayúsculas la palabra "peligro".

No era especialmente guapo, pero sí muy atractivo. Caminaba confiado y seguro de sí mismo, tenía unas manos bonitas y su sonrisa me provocaba taquicardia.

Colton fue un soplo de aire fresco que me salvó la vida en un momento en que me ahogaba. Me hacía sentir diferente y especial, yo me enamoré con quizás demasiada facilidad y aún hoy llevo su amor en mi piel, lo llevo calado en mis huesos. Yo le gustaba. Sencillamente, le hacía sentir.

Sé que me quería con todo su corazón - a pesar de que él creyera no tener uno.

Quise ayudarlo a salir de la oscuridad y así poder caminar juntos por la luz pero no me dejó.

Después de un par de años juntos... nos separamos sin más.

Le mataba darse cuenta de que me había gritado o ignorado sin haberlo pretendido, pues él nunca me habría hecho daño.

Era un buen hombre con un gran corazón, pero estaba roto y eso yo no podía arreglarlo. En verdad nunca pretendí hacerlo, yo lo amaba tal y como era. Pero él puso fin a nuestra historia.

- Adiós, Anna.

Sus últimas palabras se repitieron en mi cabeza como un eco persistente y molesto que no se iba y del que quería librarme.

Durante meses no existí.

Me trasladé de universidad, cambié por completo de aires y alrededor de un año más tarde conocí a Tyler. Era unos años mayor que yo, pero me entendía como nadie. Tyler era luz; era amor.

No hacía mucho que nos habíamos prometido cuando fuimos a Nueva York para visitar a unos amigos.

Agarrados de la mano caminábamos por la calle. Escuché voces. Una voz. Su voz. La sangre se me heló.

- ¡Déjame en paz, Colton! ¿No lo entiendes? ¡Me has hecho daño!

- Lo siento.

Tyler asió con más fuerza mi mano y me comentó lo injusto que era que hubiera parejas así. Pero yo me sentí identificada. Me vi en la piel de aquella chica.

Colton no había cambiado, se veía más maduro, mayor, más atractivo, diferente. Ambos supimos que habernos dejado fue la mejor decisión a pesar de que aún nos amáramos. Él no era bueno para mí; lo supo antes de que yo me percatara. Y yo sabía que tampoco era buena para él.

Y cuando nos miramos a los ojos, el tiempo se detuvo unos instantes, volvieron a flaquearme las piernas, volvió a fallarme la voz.

Por un segundo volví a enamorarme de su belleza, a perderme inevitablemente en sus ojos, volví a soñar despierta con los miles de sabores que ofrecía su boca. Me pregunté cómo su mirada había podido quitarme la vida para devolvérmela un segundo más tarde.

Era el arma más bella y más letal.

Y con lágrimas y una triste sonrisa inmortalizada en los labios, nos dijimos con la mirada un adiós agrídulce que quedaría eternamente congelado en nuestra memoria.

Con el tiempo solo sería eso; un viejo recuerdo de una herida sin cerrar, una bonita cicatriz de algo que fue y no volvería a ser.

Porque un chico roto, por muy bien que se peguen todos sus pedazos, continúa teniendo grietas en su dura coraza.

Todo se podía resumir en la hermosa cicatriz que vestíamos.

Esa herida causada por un accidente en el que nuestras miradas colisionaron y nos hicieron desearnos. Herida que deja el deseo, cicatriz que nos deja el amor.

B-36

Título del retalo: Hermosa cicatriz.

Número de palabras: 955

Nombre: Elena González González

Edad: 16 años

Dirección: C/ Oaxaca nº 24 5ºD 10005 Cáceres

Email: elenagonzalez021701@gmail.com

Centro educativo: IES Profesor Hernández Pacheco

B- 37 LA HORMIGUITA SERVICIAL

Érase una vez una hormiguita que ayudaba a todo el mundo ya que le encantaba ser servicial.

Siempre por las mañanas, se iba a su hormiguero a ayudar a colocar todos los materiales y alimentos conseguidos el anterior día.

Después, se marchaba a cuidar de las crías de sus amigas porque estas tenían que ir a trabajar a un pueblo que estaba a unos 50 km de allí.

Y por último, debía ir a buscar más comida para que el hormiguero, al día siguiente, dispusiera de alimentos que poder tomar.

Un día, a ella se le antojó tener una casa en Hormigolandia, que era una ciudad situada a 500 Km de donde vivía actualmente.

Pidió ayuda a sus amigas y estas se la concedieron. La ayudaron transportando de todo, como pueden ser muebles, cuadros, comida... .

Terminaron la mudanza y la hormiga servicial se volvió avara y les dijo a sus amigas que la comprasen algo caro.

Estas se lo consiguieron y se lo regalaron.

La hormiguita estaba feliz pero quería estarlo más y decidió pedirles mucho dinero. Las otras con la ayuda prestada y su regalo caro, dijeron que ya era suficiente y no se lo concederían.

Al final la avara se decepcionó y se arruinó.

Por eso no se pueden pedir peras al olmo aunque tú hayas ayudado antes.

JUAN SÁNCHEZ BAZAGA 4º ESO

TÍTULO DEL RELATO: LA HORMIGUITA SERVICIAL

NÚMERO DE PALABRAS: 220 PALABRAS

NOMBRE DEL CONCURSANTE: JUAN SÁNCHEZ BAZAGA

EDAD: 15 AÑOS

DIRECCIÓN POSTAL: CALLE SOR VALENTINA MIRÓN, NÚMERO 45, 1ª

PLASENCIA (CÁCERES) 10600

E-MAIL: jsanchezbazaga@yahoo.es

CENTRO EDUCATIVO: COLEGIO MADRE MATILDE

B- 38 Guerra sin arma

I. 2001.

Se escuchan unos pasos.

Un, dos, un, dos, un...

Viene hacia aquí.

Dos, un, dos, un, dos.

Los pasos cesan, y ahora es la manilla de la puerta la que se dispone a girar.

La puerta se abre dejando ver tras ella la figura de un señor blanco, alto y con barba; sabía lo que se avecinaba en ese momento, se había convertido en una rutina.

A continuación, él viene hacia a mí y sin dirigirme la palabra lo vuelve a hacer.

La cama se zarandea sin parar; él comienza a suspirar agitadamente. En cambio, yo parecía un ser inerte.

Estaba inmersa en mis pensamientos, cuando percibo sus pies clavados en el suelo; me dice que lamentarse no serviría de nada porque yo estaba ahí para satisfacer sus necesidades, y veo cómo sus pies se alejan cada vez más hasta no quedar ni rastro del ruido de sus pisadas.

Comienzo a sollozar; es lo único que soy capaz de hacer cada vez que él se va.

Me levanto, me miro al espejo, me limpio las lágrimas y me dispongo a salir de la habitación para ver cómo está mi hija.

Tengo asumido que esto no cesará jamás.

II. 2007.

- Cariño, ven aquí, siéntate conmigo —dijo el abuelo a su nieto.

- ¿Qué pasa, abuelo?

- ¿Quieres que te cuente una historia?

- ¡Sí, sí quiero!

- Bien... Vamos allá.

Todo comienza con una mujer no muy alta, de cabello castaño y ojos azules. Era preciosa. Se casó con un señor y digamos que él no la quería de la forma en la que ella merecía, pero ella moría de amor por él.

Tuvieron un hijo hermoso, y parecía que todo iba bien; hasta que él empezó a hacerla daño día tras día, y ella sólo se limitaba a callarse y sonreír.

Un día, él intentó hacer daño al bebé; la mamá intentó defenderle, y el hombre la golpeó tan fuerte que la cabeza de la mujer fue a parar contra el pico de la mesa y ésta cayó desplomada al suelo.

El padre, agobiado, se acercó al cuerpo de ella y la tomó el pulso, comprobando que no tenía, su respiración había cesado.

Inmediatamente, salió de la casa y cogió el coche para escapar; pero no le salió tan bien como habría querido, ya que la policía le paró por el camino debido a su exceso de velocidad.

El hombre se agobió debido a tal presión a la que los policías le estaban sometiendo y reveló todo.

Los policías pidieron refuerzos y enviaron varios coches patrullas a la casa.

El bebé, que no paraba de llorar, fue atendido inmediatamente; y se llevaron el cuerpo de la mujer para poder darle el luto que se merecía.

Aquel hombre no sólo la mató, sino que la maltrató durante años pegándola y abusando de ella.

Hoy por hoy, ese hombre sigue cumpliendo condena; pero ninguna condena será suficiente, ninguna condena devolverá la vida a esa preciosa mujer.

- ¿Por qué lloras, abuelo? —se percató el niño.

- Por nada, mi niño, por nada.

- ¡Mike, Jordi, venir a comer! ¡Os vais a quedar sin tarta! —dijo la abuela.

- Vamos en un minuto, cariño. —contestó el abuelo. —Ven aquí un momento.

El abuelo se agacha para dar al nieto un globo rojo en forma de corazón, manteniendo su mano también en la cuerda del globo; mientras la abuela se va aproximando a ellos poco a poco.

- Toma, vamos a enviar a mamá este globo como regalo de cumpleaños.

Vamos a agarrarlo los tres juntos y cuando diga “ya”, lo soltamos, ¿vale?

La abuela se une y agarra el globo también.

- Uno, dos y tres. ¡Ya!

Los tres quedan la mirada fija en el globo hasta que vuela tan alto que se pierde la pista de él. El abuelo agarra a su mujer de la mano a su esposa y la aproxima a su boca para besarla; coge al niño en brazos y le dice al oído:

- Mamá está con nosotros, y siempre lo estará, no lo olvides nunca.

ANA MARIA AVILA

B-38

- **Título.** Guerrera sin arma.
- **Número de palabras.** 681.
- **Edad.** 16 años.
- **Dirección.** Santa María nº13 4ºB.
- **Código postal.** 10600
- **E-mail.** anitavila05@gmail.com
- **Nombre del centro educativo.** Madre Matilde.

CUARTO CLASIFICADO

B-39 ALLI ESTABAN

Allí estaban, sentados, sin hablar, él y ella, ambos sin ropa, con sus cuerpos al descubierto, mostrando sus imperfecciones. Enmudecidos, tal vez pensando lo que había pasado entre ellos, tal vez pensando en qué decir, o tal vez, simplemente, no pensando en nada.

Ella se levantó de la cama, él la agarró del brazo, pero ella con un pequeño movimiento logró escaparse de algo que ni ella misma sabía qué era. Se metió en el baño de esa casa, la casa de su amante, del amor de su vida o de alguien con quien solo había pasado un buen rato. Solo ella podía saberlo, sin embargo, ni ella misma lo sabía.

Se vistió con su vestido preferido, ese estampado que tanto la gustaba, ese que la había regalado su marido; sí, su marido, pues ella estaba casada con el que creía el amor de su vida, su fiel esposo, su compañero. Ese hombre con el que soñaba llegar a anciana de la mano, juntos, con el que había planeado su futuro y tantos viajes, con el que había compartido tantos momentos, el futuro padre de sus hijos, el futuro abuelo de sus nietos, los de ellos, los de los dos, los que serían creados por el fruto de su amor. Ese amor que se precipitaba a un vacío en el que el fondo era tenue, oscuro. Ese amor, que aquella noche, se estaba rompiendo en cada beso que ella y su amante se daban, tal vez, aquel con quien aquella noche había compartido esos momentos de pasión, no era solo un simple amante; tal vez, ese amor que se estaba rompiendo no era amor rompiéndose, sino, solamente, no era amor, no era nada.

Ella se miraba al espejo mientras las lágrimas se escapaban lentamente de sus ojos. El remordimiento podía con ella. Salió de aquel baño, de aquella casa, sin ni siquiera mirarle, compartir un adiós con él, una mirada, una sonrisa, sin nada.

Él se levantó tras escuchar el portazo que ella había dado a la puerta después de salir corriendo de allí. Fue a la terraza, no hacía ni frío ni calor, las luces de las farolas alumbraban las calles tiñéndolas de un color anaranjado. Él lloró, sí, porque los hombres también lloran; aunque no sabía muy bien el motivo. Sentía que tenía que llorar su ausencia, el haberle hecho llorar a ella. El haberle hecho suya solo por unas horas, unas horas en las que no había sentido, nunca, nada parecido. Negó con la cabeza, se limpió las lágrimas y volvió a la habitación. La habitación en la cual todavía permanecía su olor, el de ella.

I

Ella todavía estaba temblando por lo ocurrido. Subió las escaleras hasta su casa. Novena planta, ciento veinte escalones, un solo pensamiento, él.

Entró en su casa, se dirigió hacia la terraza, cogió un cigarro a su marido, lo encendió y apoyó los codos en la barandilla. La primera calada, llena de rabia, de dolor, seguía volviendo a su cabeza él, la noche. Segunda calada, más calmada, apagó el cigarro y lo dejó ahí, a medias, como había dejado a su amante, con dudas, sin respuestas, sin nada.

Entró en el salón y cayó sobre el sofá, solo un cuerpo, su cuerpo; y un corazón roto, dividido en dos, su marido y su amante; el cual le había hecho latir con fuerza, a mil por hora, a más, a tres mil por hora, a velocidad infinita; el cual le había hecho sentir cada parte de su cuerpo, con cada caricia, cada beso; el cual la había hecho desear más, más placer, más amor, más todo, todo lo bueno.

II

Él, mirando el techo, pensando en ella, tumbado en la cama, en esa cama, en la que había pasado de todo aquella noche, con ella. Rabia, dolor, sentimientos tristes, nostálgicos. Ella, nadie más ocupaba su mente.

Recordaba como la quitó la ropa y pudo sentir su piel junto a la suya. Recordaba cuando agarró su cintura, cuando sintió que su corazón, por primera vez, latía con fuerza, latía por el amor de su vida. Recordaba cuando se perdió entre sus largas piernas y se encontró en su cabello. Recordaba sus besos, esos besos que le habían hecho perder la cordura dando pie a la locura, la locura de amarla, de dejarla escapar, de perderla. De perderla, ese pensamiento retumbó en su cabeza.

Le entró una sensación, esa sensación de falta. Se fue al salón, se dirigió al mueble-bar y se sirvió una copa de whisky. Todo de un trago, se sirvió otra, volvió a hacer lo mismo, una, dos, tres, hasta cuatro veces; cuatro copas de un trago, le ardía la garganta y le escocía el alma.

Quinta copa, quinto trago, agarró el vaso con fuerza, con rabia, agachó la cabeza apretándolo con más fuerza. Finalmente, lo lanzó contra la pared rompiéndolo con más fuerza mientras gritaba con rabia, dolor. Cayó al suelo entre sollozos, tapó su cara con las manos y volvió a llorar.

Volvió a su habitación, se desplomó borracho en la cama. Finalmente, se quedó dormido acunado por la borrachera, por el dolor, por su ausencia.

III

Ella se levantó temprano, se había quedado dormida en el sofá. Tenía los ojos hinchados de llorar. Se dio una ducha de agua fría y se fue a dar un paseo.

Él se levantó poco más tarde, con dolor de cabeza, corrió al baño, vomitó, se lavó los dientes, se dio una ducha y salió de casa.

Ambos caminaban sin rumbo, en la misma dirección pero con distinto sentido, los dos se dieron cuenta de la presencia del otro, compartieron miradas fugaces, sin embargo, ella desvió la mirada justo en el momento en el que él pasó a su lado. No pudieron negar lo que sintieron en ese instante, los corazones de ambos latieron al unísono como si de uno solo se tratara, pero, intentando engañarse a sí mismos, siguieron sus andares sin rumbo con el mismo fin, el fin de olvidar.

B-39

- **Título:** Allí estaban.
- **Número de palabras:** 1.000
- **Nombre y apellidos:** Andrea Hurtado Ciudad
- **Edad:** 16 años
- **Dirección:** C/Castilla N°30 2ºA
- **C.P.:** 10600
- **E-mail:** andreahurtado79897@hotmail.com

- **Nombre del centro educativo:** Colegio Madre Matilde